





# **RAÍZES AFRICANAS do EGITO ANTIGO**

**Uma abordagem interdisciplinar  
a partir das artes visuais**

Ingrid Noal Schirmer

**Material de apoio para professores**

Imagem de capa: Joia; electro (liga de ouro e prata) cornalina e ametista; dimensões não informadas;  
c.1850-1550 a.C. (final do Império Médio - segundo Período Intermediário), Tebas, Alto Egito.  
Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

# **RAÍZES AFRICANAS do EGITO ANTIGO:**

**Uma abordagem interdisciplinar  
a partir das artes visuais**

Ingrid Noal Schirmer

**Material de apoio para professores**

Esse material foi desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



## **Sumário:**

|                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução .....                                                  | 5  |
| 1 - Arte na Idade da Pedra e Arte Rupestre                        |    |
| 1.1 - Origem monogenética da humanidade.....                      | 8  |
| 1.2 - Abordagem: arte na idade da pedra e arte rupestre.....      | 9  |
| 1.3 - Primeiras expressões artísticas.....                        | 10 |
| 1.4 - Arte Rupestre .....                                         | 13 |
| 1.5 - Seres míticos.....                                          | 15 |
| 2 - Os Primeiros Egípcios.....                                    | 19 |
| 2.1 – Teses sobre a antropologia física dos antigos egípcios..... | 23 |
| 3 - Dados Culturais.....                                          | 25 |
| 3.1 - Escrita.....                                                | 25 |
| 3.2 - Migrações.....                                              | 29 |
| 3.3 - Afinidade linguística.....                                  | 29 |
| 3.4 - Ideias religiosas.....                                      | 31 |
| a) Deuses.....                                                    | 35 |
| b) Totemismo.....                                                 | 36 |
| c) Concepções a respeito da vida e da morte.....                  | 39 |
| 4 - Representações dos Faraós.....                                | 44 |
| 5 - O Império Egípcio e as relações com a Núbia.....              | 50 |
| Considerações finais.....                                         | 54 |
| Referências.....                                                  | 57 |

Esse tipo de concha é conhecida desde os tempos mais antigos do Egito, seu uso foi contínuo durante milênios. Estava associada à proteção contra o mau olhado, pois sua forma pode lembrar um olho com as pálpebras fechadas. Outra comparação devido ao seu formato, era com a vulva, o que trazia a relação com a fertilidade, em função disso era muito utilizada em um tipo de cinto feminino, mas também em colares, pulseiras e adornos de cabeça. Como um elemento de proteção, era utilizada de forma geral como símbolo de fertilidade e prosperidade para vários aspectos da vida. É mais comum achá-la em enterros de mulheres, mas também é encontrada em tumbas masculinas. Esse tipo de concha continua sendo utilizado ainda hoje na África e nas Américas (nas comunidades tradicionais de matriz africana) com finalidades semelhantes.



Concha; 2,9 cm x 2,2 x 1,1 cm; 332-30 a.C. (Período Ptolemaico); Akhmim (Khemmis, Panopolis), possivelmente do Norte do Alto Egito. Esta concha foi encontrada ao lado da cabeça de uma múmia masculina com ornamentos, foi possivelmente usada como colar ou diadema. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

# **Raízes Africanas do Egito Antigo:**

## **Uma abordagem interdisciplinar a partir das artes visuais**

### **Introdução**

Para a compreensão da arte e da cultura, ou qualquer outra área do conhecimento relativa ao Egito e suas raízes africanas, é necessário desfazer-se do ponto de vista eurocêntrico. O conteúdo desse material é baseado em pesquisas que partem da perspectiva africana.

Durante séculos a história do continente africano foi contada a partir de perspectivas externas. Em muitas universidades, a antiguidade egípcia era abordada dentro dos chamados estudos Orientais ou do Oriente Próximo, embora a grande maioria do império egípcio situou-se geograficamente no continente africano, e com ele manteve relações comerciais, sociais e políticas.

As versões históricas dos acontecimentos da humanidade que costumeiramente tornam-se oficiais, são contadas ao longo dos tempos a partir dos interesses daqueles que detêm o poder econômico e político. Para o sistema escravocrata era totalmente contraproducente admitir as origens africanas do império egípcio. E ainda hoje, permitir que essas raízes sejam reconhecidas, vai contra o discurso racista difundido durante séculos. Negar as origens africanas do Egito Antigo é uma estratégia entre muitas, para colocar a população negra em patamar de inferioridade, essa e tantas outras engenhosas manipulações que omitem ou distorcem fatos da história africana e afro-americana, infelizmente continuam tendo trágicas repercussões para a humanidade em nossos dias. Não era, e para muitos ainda não é conveniente, contar a história de uma África próspera, detentora de culturas milenares e ricas.

Cheikh Anta Diop afirmava, com todo o rigor, que “raça” é uma construção fenotípica e sociocultural, não uma condição biomolecular, ele dizia com frequência que é possível um sueco e um banto sul-africano serem geneticamente mais próximos entre si do que cada um deles a outras pessoas de sua própria raça. Mas, na África do Sul de 1980, o sueco seria um homem livre, enquanto o banto seria mais um integrante da maioria oprimida e violentada pelo Apartheid. Diop dizia, também com referência à África do Sul de 1980, que os brancos costumam negar a realidade das raças ao mesmo tempo que tentam destruir uma raça. Geneticamente, não pode haver raças; a noção fenotípica e sociocultural de raça ainda define a maioria das relações humanas até hoje. (NASCIMENTO, 2009 p. 7)





A História da África, que inclui o Egito Antigo, começou a ser revista de forma mais efetiva a partir do início da independência das colônias africanas, por volta de 1950. Embora não tenham sido poucos os historiadores que muito antes dessa data, investigaram e denunciaram a opressão ocorrida no continente africano e a violência da escravidão, e pesquisadores que deixaram seus legados, abordando a imensa riqueza cultural da África, estendida também a diversas outras partes do mundo através da migração forçada de seu povo em decorrência da escravidão. Mas com a independência das colônias africanas, a movimentação no sentido de revelar fatos omitidos da história da África, tomou grandes proporções. Novos trabalhos e estudos tiveram início, assim como o resgate de importantes registros, textos, intelectuais e personalidades que contribuíram para a memória do continente africano e seu legado principalmente nas Américas.

A metodologia e muitos conteúdos sobre o Egito Antigo e seus primórdios, baseiam-se no primeiro e segundo volumes da História Geral da África.

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história. [...] Com efeito, havia uma recusa a considerar o povo africano como o criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram, através dos séculos, por vias que lhes são próprias e que o historiador só pode apreender renunciando a certos preconceitos e renovando seu método. Da mesma forma, o continente africano quase nunca era considerado como uma entidade histórica. Em contrário, enfatizava-se tudo o que pudesse reforçar a ideia de uma cisão que teria existido, desde sempre, entre uma “África branca” e uma “África negra” que se ignoravam reciprocamente. Apresentava-se frequentemente o Saara como um espaço impenetrável que tornaria impossíveis misturas entre etnias e povos, bem como trocas de bens, crenças, hábitos e ideias entre as sociedades constituídas de um lado e de outro do deserto. Traçavam-se fronteiras intransponíveis entre as civilizações do antigo Egito e da Núbia e aquelas dos povos subsaarianos. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I, 2010 p. XXI-XXII)

O início desse trabalho, terá um breve capítulo sobre a pré-história africana, pois o Antigo Egito situou-se majoritariamente em continente africano, berço da humanidade, e entre os primeiros homens que deram origem ao império egípcio estão as comunidades sedentárias que se estabeleceram nas margens do Nilo. Existem evidências de que a agricultura já era praticada no vale do rio Nilo há 18 mil anos (Wendorf, Schild e Close, 1983, p.58) e a criação de gado há 15 mil anos.

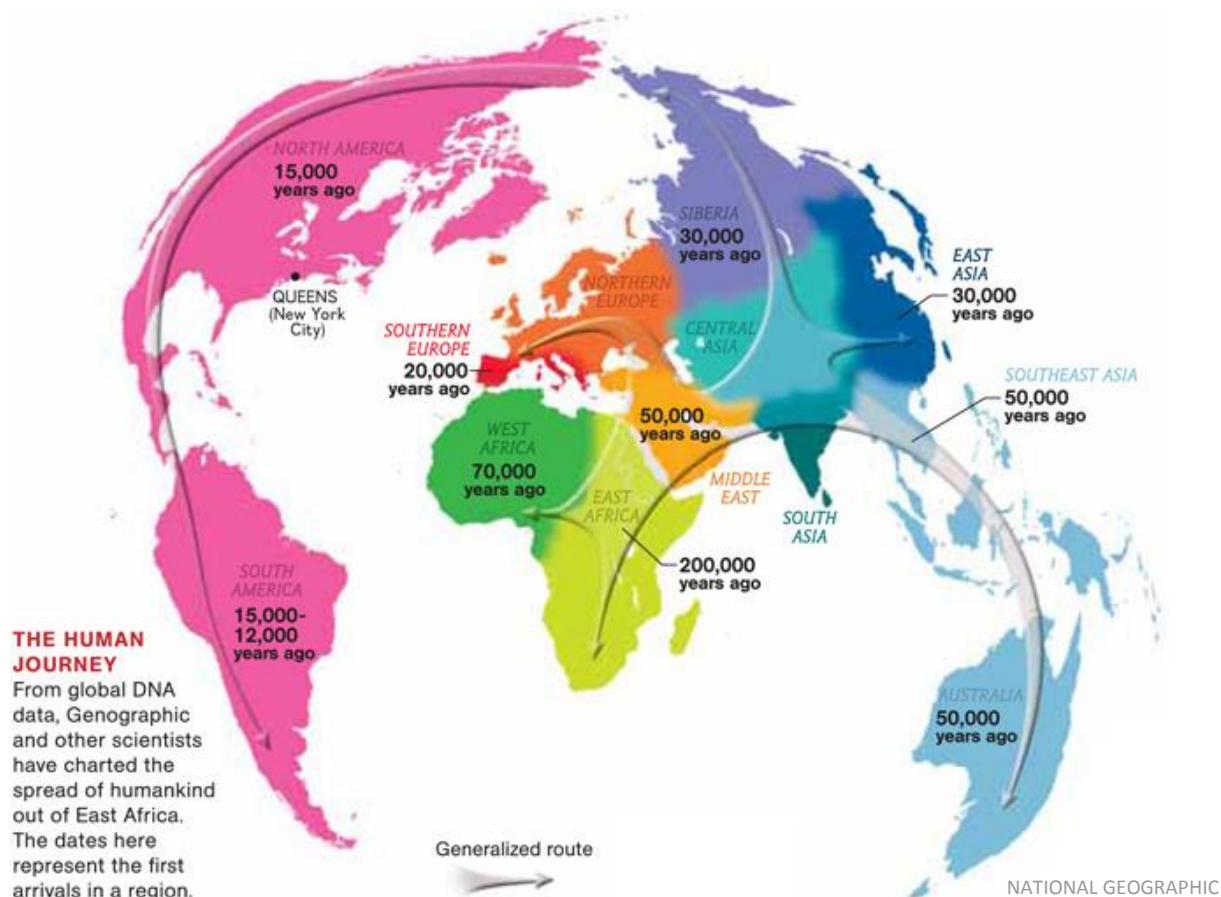
Página anterior:: Ammenemes III; Diorito (pedra); 27,5 x 11 x 18,5 cm; 1842-1797 a.C. (Medio Império), dinastia 12; Egito; Fonte: STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN

# 1 - Arte na Idade da Pedra e Arte Rupestre

## 1.1 - Origem Monogenética da Humanidade

A atual aceitação da origem monogenética e africana da humanidade colocou em termos novos o povoamento do mundo.

A África é considerada até o momento, como o único berço da humanidade, onde por volta de 2 milhões de anos atrás, começaram as primeiras ondas migratórias de homínídeos (gênero Homo). A ciência data a existência do Homo sapiens (espécie a qual pertencemos) há 200 mil anos e a revolução cognitiva entre 100 mil a 70 mil anos atrás, período no qual surge a linguagem ficcional, em que as expressões culturais e raciocínio desenvolvem-se com maior intensidade.



Quando a coleção História Geral da África foi publicada, em 1981, ainda não tinham sido realizados os mapeamentos genéticos das últimas espécies do gênero homo (que coabitaram por volta de 50 mil anos atrás), mas a teoria mais embasada arqueologicamente era da origem monogenética da humanidade (decorrente da espécie sapiens). Em 2010, cientistas conseguiram realizar um estudo comparativo do DNA de humanos contemporâneos, do homem de neandertal e denisovano. Embora exista nas populações atuais do Oriente Médio e Europa 1% a 4% de DNA neandertal, e em populações melanésias e aborígenes australianas até 6% de DNA denisovano, é impossível falar de fusão entre sapiens e outras espécies, portanto a tese monogenética novamente prevaleceu.

## **1.2 - Abordagem: arte na idade da pedra e arte rupestre**

### **Diferenças entre Arte na Idade da Pedra e Arte Rupestre.**

A Idade da Pedra começa por volta de 3 milhões de anos atrás, quando os primeiros hominídeos começaram a usar pequenos pedaços de pedras como ferramentas e utensílios, e termina quando começa a ser substituída pelo metal.

A palavra rupestre refere-se à rocha, ou seja, arte rupestre é a arte da rocha, é basicamente pintura e gravura em pedra.

A arte na Idade da Pedra tem relação com o tempo cronológico, pois diz respeito ao uso da pedra enquanto matéria fundamental para a humanidade na fabricação de ferramentas e utensílios. Já a arte rupestre atravessa períodos, existe na Idade da Pedra, mas também pode ser encontrada em outros tempos.

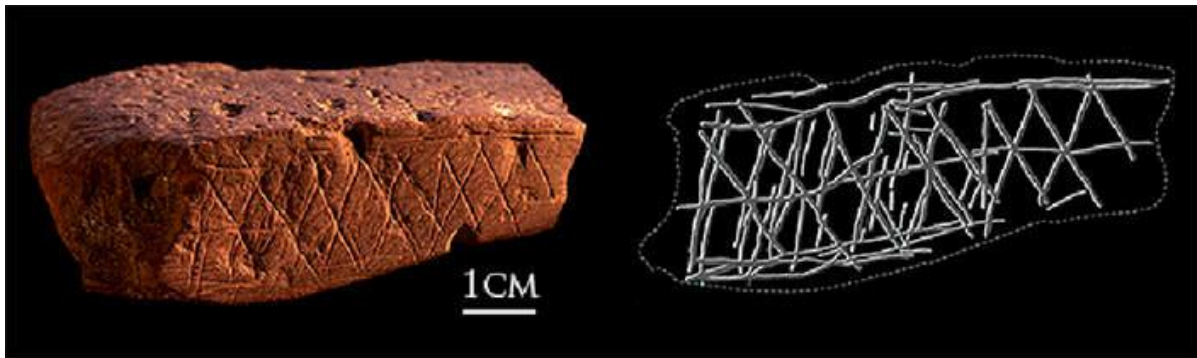
### **Fonte de pesquisa e datação da Arte Rupestre**

As imagens e conteúdos da arte rupestre desse livro tiveram como fonte de pesquisa principal o African Rock Art Image Project, um trabalho de catalogação de cerca de 25.000 fotografias digitais de arte rupestre de toda a África, visando a preservação digital, para assegurar o acesso aberto e global no futuro. A equipe do African Rock Art Image Project iniciou o trabalho em 2014, num esforço conjunto através das pesquisas do Museu Britânico, da TARA, de pesquisadores e instituições na África, e o apoio da Arcadia Fund. Esse trabalho teve sua origem com a TARA (Trust for African Rock Art), em 1996, uma organização não-governamental com sede em Nairobi, empenhada em registrar e salvaguardar a arte rupestre do continente africano.

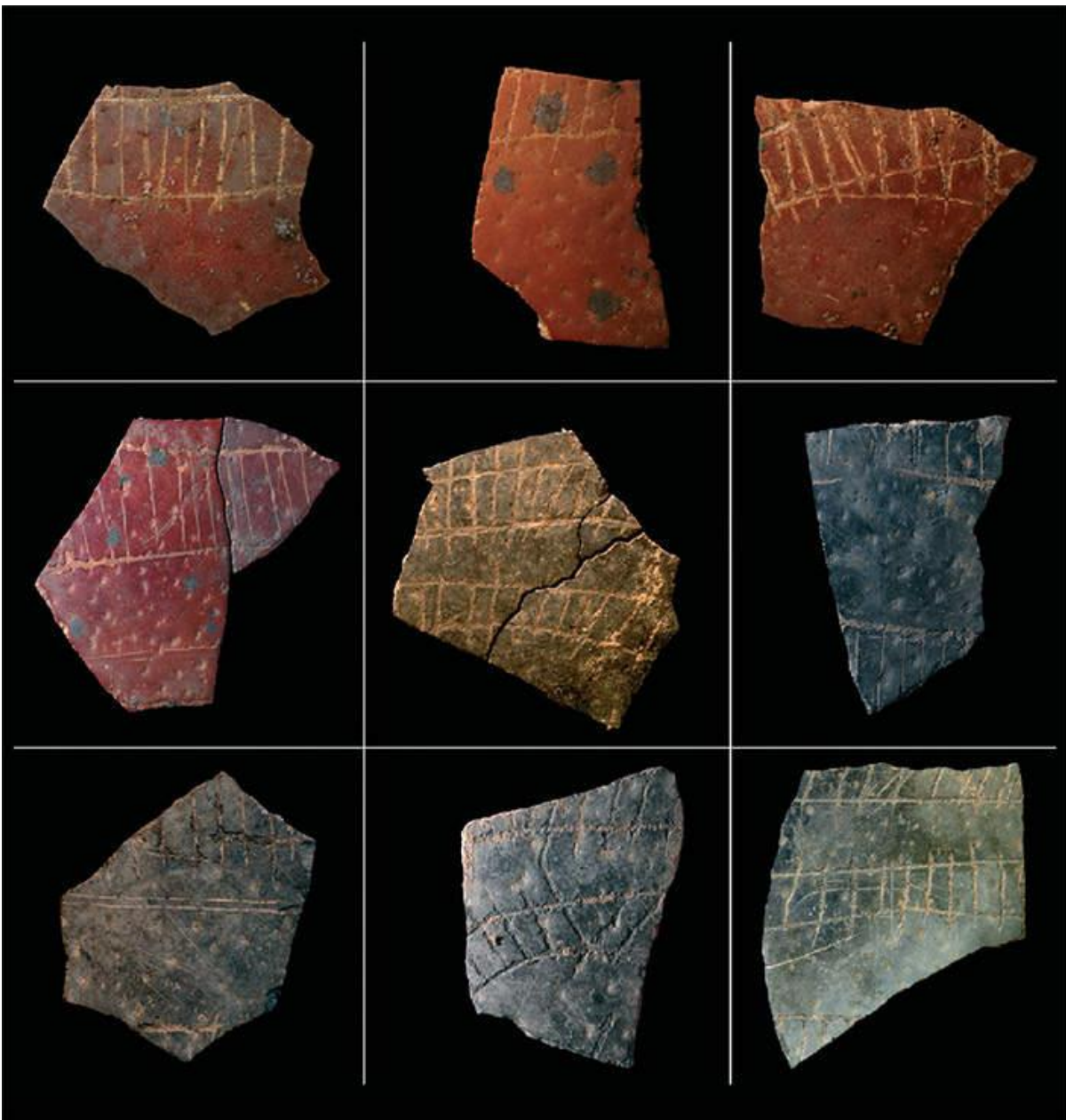
A arte rupestre em diversos países africanos foi produzida num espectro de tempo muito amplo; são necessárias muitas análises para datar com segurança uma pintura ou gravura. O trabalho do African Rock Art Image Project está em andamento e é extenso. A complexidade para determinar cronologicamente a arte rupestre é grande, portanto muitas obras encontram-se sem data.



### 1.3 - Primeiras expressões artísticas



Ocre incisado, caverna de Blombos, África do Sul. Cerca de 75.000 a.C. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT



Fragmentos de cascas de ovo de avestruz gravadas, Abrigo de Rock Diepkloof, Cabo Ocidental, África do Sul, 58.000 a.C. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT

A mais antiga arte rupestre cientificamente datada na África é de aproximadamente 30 mil anos atrás e é encontrada na Namíbia.



Quartzite, lajes retratando animais, Namíbia. Caverna Apollo 11. 28.000 a.C. © Museu Estadual da Namíbia. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT

Enquanto as placas Apollo 11 podem ser a arte representacional mais antiga descoberta na África, este não é o início da história da arte. Está agora bem estabelecido, através de evidências genéticas e fósseis, que os seres humanos anatomicamente modernos (*Homo sapiens*) se desenvolveram na África há mais de 100 mil anos; destes, um pequeno grupo saiu do continente cerca de 60 mil a 80 mil anos atrás e se espalhou pelo resto do mundo. Os exemplos recentemente descobertos, de ocre modelados e de casca de avestruz, bem como a evidência de ornamentação pessoal que emerge da Idade Média da Idade da Pedra (100 mil - 60 mil anos atrás), demonstraram que a arte não é apenas um fenômeno muito mais antigo do que se pensava, Mas que tem suas raízes no continente africano. A África é onde compartilhamos uma humanidade comum. (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, Tradução da autora.)

As primeiras manifestações artísticas da arte africana datadas entre 100 mil e 60 mil anos atrás, aparecem nas incisões em ocre e gravuras em pedra, e na forma de ornamento pessoal, com conchas perfuradas e suspensas por fio e cascas de ovos de avestruz gravadas.





Duas gravuras na rocha e sobre ela vários artefatos e ferramentas em um afloramento rochoso em uma área antiga do Lago da Lama. Deserto Ocidental, Egito. S/ data. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT



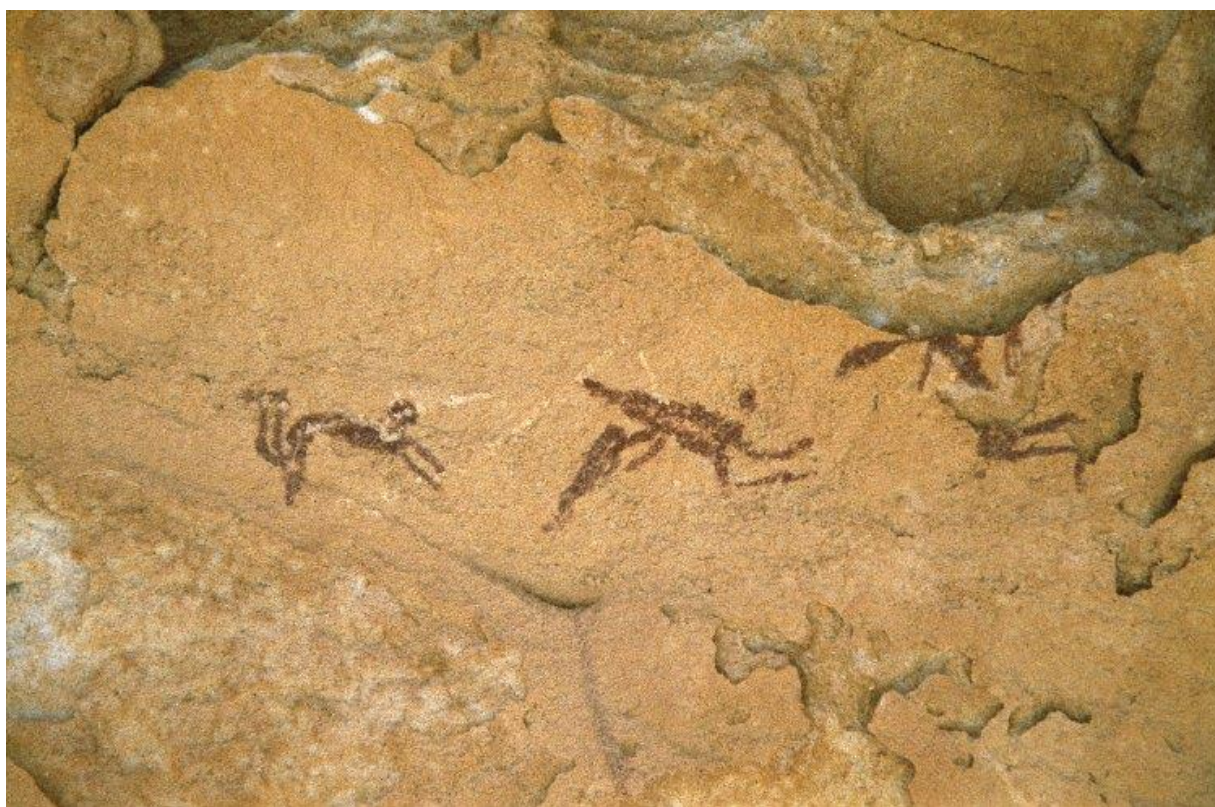
Ponta de flecha, quartzo, 4,1 x 2,8 cm; 7000-4500 a.C.; Egito. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART



## 1.4 - Arte Rupestre

### Caverna dos Nadadores

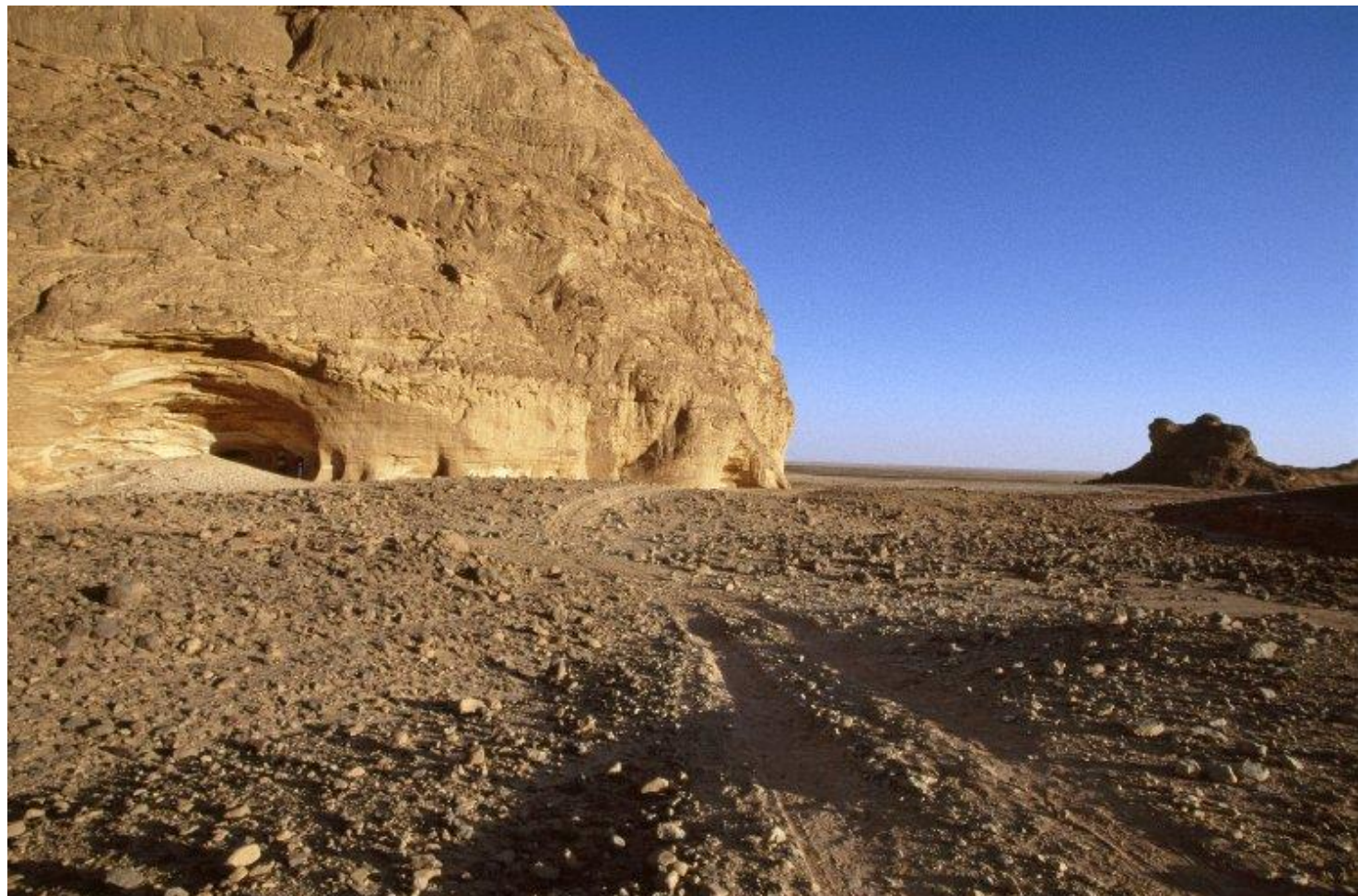
Entre os sítios de arte rupestre mais comentados do Egito, está a Caverna dos Nadadores. É a maior entre duas cavernas situadas na parte do sul do platô de Gilf Kebir no deserto ocidental do Egito, uma região tão remota e inacessível que só foi mapeada em 1926, e a caverna encontrada em 1933.



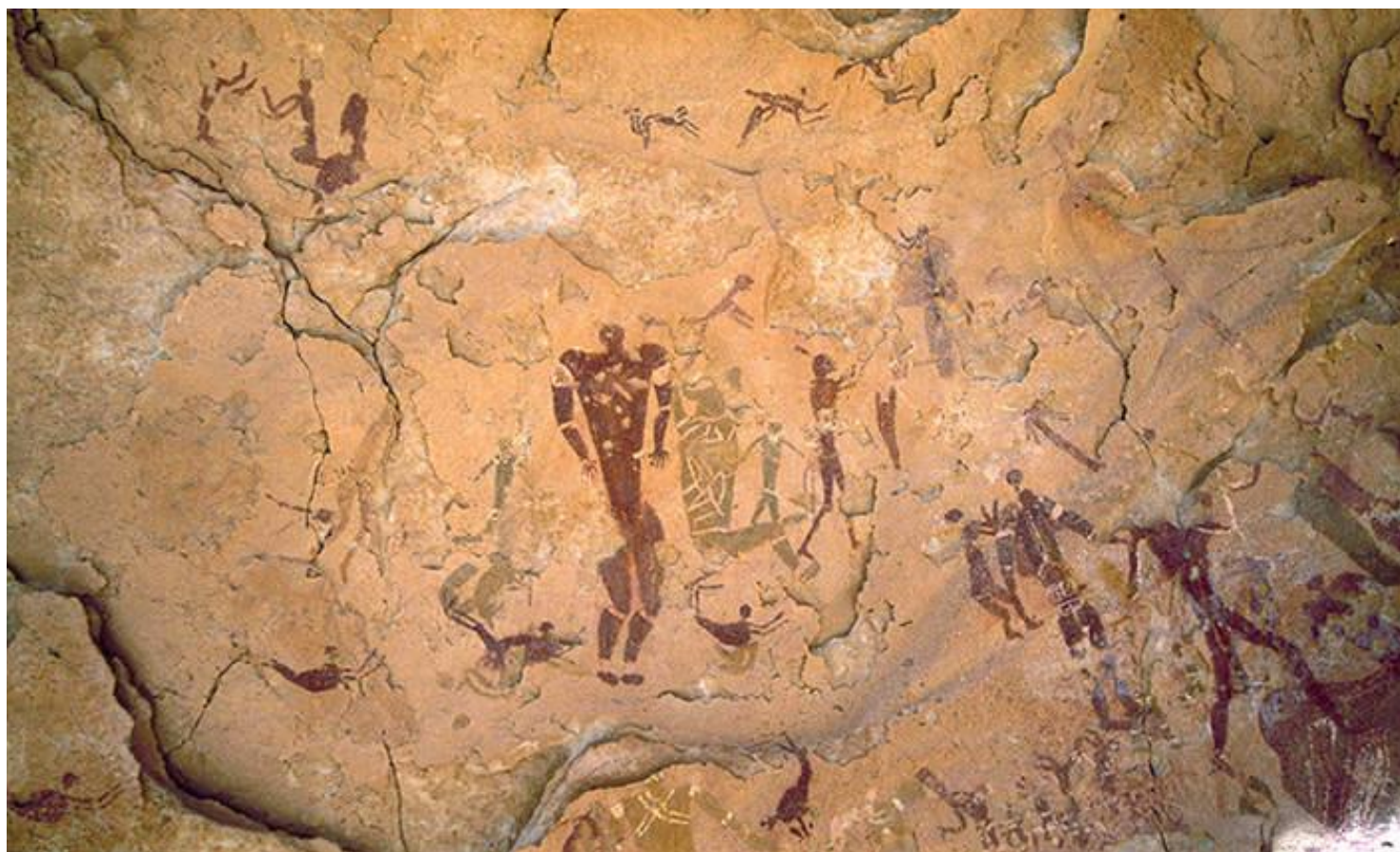
Pintura rupestre, painel na da Caverna dos Nadadores, Wadi Sura, Gilf Kebir, deserto ocidental Egito. 7.000 - 4.000 a.C. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT

As pinturas da Caverna dos Nadadores mostram figuras humanas com braços e pernas sugerindo movimentos de natação, daí decorre o nome da caverna; László Almásy, seu descobridor, “argumentou que as figuras de ‘natação’ sugeriam a existência prévia de água abundante na área e era, portanto, uma evidência de que a região nem sempre foi um deserto árido” (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, tradução da autora), uma teoria radicalmente nova na época, e que não era bem aceita, mas que hoje sabemos, é verdadeira. “Os ‘nadadores’ não são os únicos seres humanos aqui retratados: há outros, alguns intensamente adornados, muitos aparentemente envolvidos em atividades cotidianas”. (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, tradução da autora) O local ficou ainda mais conhecido com o filme *O Paciente Inglês*, pois cenas se passam no lugar. Depois do lançamento do longa-metragem, a caverna tornou-se mais visitada e infelizmente partes importantes das pinturas foram danificadas.





Vista da entrada da Caverna dos Nadadores, Wadi Sura, Gilf Kebir, deserto ocidental, Egito.  
Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT



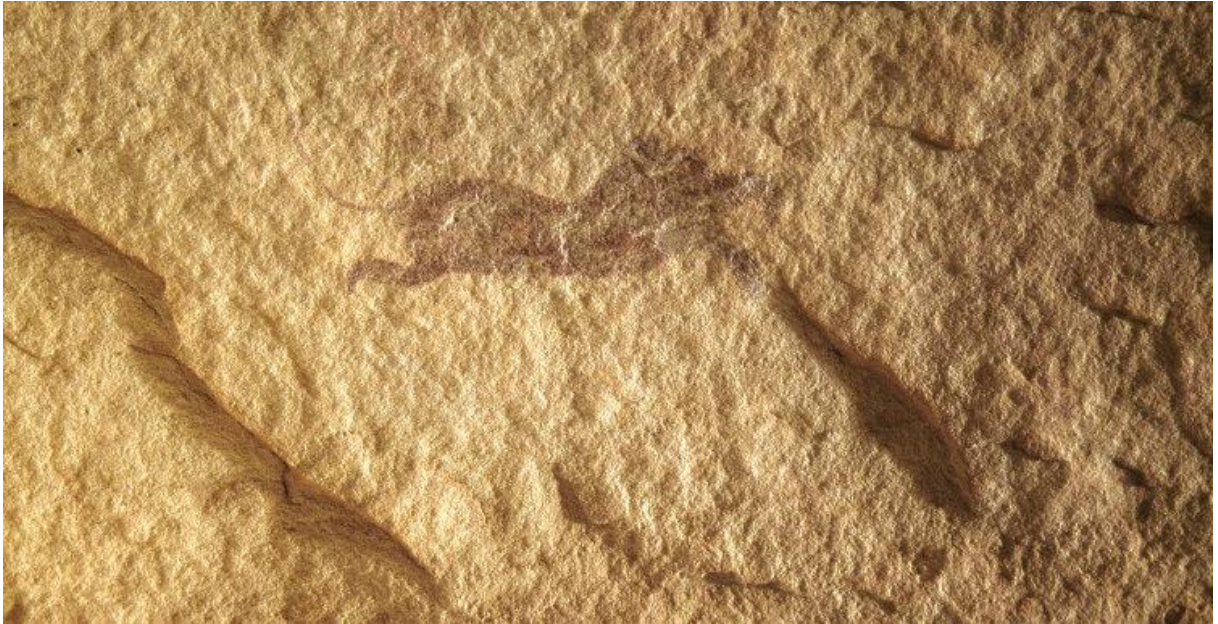
Pintura rupestre, 7.000 - 4.000 a.C., painel na da Caverna dos Nadadores, Wadi Sura, Gilf Kebir, deserto ocidental, Egito. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT



## 1.5 - Seres míticos

Os animais míticos e seres híbridos com partes humanas e de animais, surgem na arte rupestre em muitos países e culturas africanas.

A maior parte da arte rupestre mais famosa do Egito, incluindo a *Caverna dos Nadadores*, de acordo com o AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, é encontrada no deserto do extremo sudoeste do país.



Animal mítico, s/ data, Wadi Anak, Gilf Kebir, Deserto Ocidental, Egito.

Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT

A arte rupestre do Egito foi desconhecida fora da região até o início do século XX. As pinturas rupestres e gravuras apresentam temas e estilos variados, incluem animais selvagens, gado doméstico, seres humanos, imagens de barco, e seres míticos. Grande parte da arte rupestre parece ter sido feita há 8 mil anos. “No entanto, gravuras paleolíticas anteriores também foram encontradas perto do Nilo, sugerindo um período mais longo para a prática”. (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, tradução da autora)

Figura antropomórfica com cabeça pontiaguda parecendo de animal, Karkur Talh, Gebel Uweinat, Egito (na fronteira com Sudão e Líbia).

Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT









Os seres míticos que incluem figuras antropomórficas, muitas vezes com partes humanas e partes de animais, são manifestações comuns tanto na arte rupestre do Egito como em outras várias regiões da África. Como exemplo, a página anterior mostra figuras com corpos humanos e cabeças de antílopes nas montanhas de Drakensberg, na África do Sul. Seres híbridos também são representados no império egípcio, um grande número de deuses são compostos de partes humanas e de animais. Nas comunidades tradicionais africanas, ainda hoje a presença dos seres híbridos é uma constante. Continua-se usando adereços como máscaras com formas animais, que cumprem funções rituais.

A relação com a natureza foi e continua sendo nas tradições africanas, fundamental para o homem. Formas de animais utilizadas em esculturas, ou mesmo parte de animais como chifres, são símbolos da conexão do homem com a natureza, são sinônimos de vitalidade, fertilidade e prosperidade.

Embora tenha existido grande variedade de animais no sítio de Drakensberg, na África do sul, as representações dos antílopes são em maior proporção. A partir de investigações da relação do povo local com os antílopes, chegou-se a conclusão de que a muitas pinturas do povo de Drakensberg “não são um reflexo realista das atividades diárias ou do ambiente dos bosquímanos”, muitas delas são representações metafóricas das relações com seus cultos e crenças. (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, tradução da autora)

## **Game Pass Shelter e Giant's Castle Game**

“A arte rupestre da África do Sul provavelmente foi estudada de forma mais extensa do que a de qualquer outro país africano”. (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, tradução da autora). Talvez os locais mais famosos sejam as montanhas de Drakensberg, onde os vários grupos locais caçadores-coletores-pescadores deixaram sua arte. Porém a arte rupestre sul-africana é muito variada e ampla, tanto temporalmente, quanto em distâncias físicas, e também em relação às várias tradições culturais.

O sítio de Game Pass Shelter situa-se na base das montanhas de Drakensberg e Giant's Castle Game no pico. Eles fazem parte do parque Maloti Drakensberg, registrado pela UNESCO como Patrimônio Mundial Transfronteiriço, pois o parque atravessa a fronteira entre África do Sul e Lesoto.

“As montanhas de Drakensberg são conhecidas pela sua riqueza de pinturas rupestres, muitas vezes mostrando imagens detalhadas e coloridas de pessoas, animais e representações de figuras compostas com partes humanas e de animais, conhecidas como 'teriantropos'” (AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT, tradução da autora)

*Página anterior: Duas figuras humanas com cabeças de antílopes, várias figuras antropomórficas e antílopes. Pintura rupestre, s/ data, Giant's Castle Game, Montanhas Drakensberg, África do Sul. Fonte: AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT*





Recorte do  
GOOGLE MAPS

Indicação de  
Wadi Kubbaniya

## **2 - Os Primeiros Egípcios**

O Egito até algumas décadas atrás, era estudado sem serem consideradas suas relações culturais, econômicas, étnicas e estéticas, com o restante da África. Perspectiva equivocada, que lamentavelmente ainda permanece em algumas instituições ou deixa seus resquícios, que geram inúmeras complicações. É necessário trazer para as escolas e universidades a abordagem de um Egito que interagiu com seus vizinhos africanos. Um número crescente de estudos e pesquisas atestam que ocorreram contatos e intercâmbios de ideias entre o Egito Antigo e os povos subsaarianos, reminiscências que podem ser encontradas ainda hoje, em línguas como o wolof, na cultura, na religiosidade e na arte de várias etnias.

Nas universidades, era comum a civilização egípcia fazer parte dos estudos Orientais ou do Oriente Próximo, sem ser abordado sob a perspectiva do continente africano. Porém as evidências da africanidade do Egito Antigo são crescentes, embora ele tenha herdado diversas influências, a cultura egípcia desenvolveu-se sob importantes bases africanas.

A agricultura já era praticada há 18 mil anos no vale do Nilo, e em suas margens estabeleceram-se as primeiras comunidades sedentárias organizadas. Em 1960, foi descoberta por arqueólogos em Wadi Kubbanniya, uma dessas comunidades, que além da agricultura já desenvolvia a pecuária há 15 mil anos.

Entre os vestígios encontrados, foram identificados 25 tipos de sementes e frutos comestíveis, tubérculos e pedras empregadas para moer grãos, além de animais domesticados, entre os quais bovinos e carneiros. (MACEDO, 2013, p. 24)

A descendência desses primeiros homens que povoaram as margens do Nilo, está incluída entre aqueles que deram origem ao Egito Antigo, e levando-se em consideração a origem monogenética e africana da humanidade, de acordo com as pesquisas de Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga, as evidências apontam para homens negros. “A partir do Paleolítico Superior até a época dinástica, toda a bacia do rio foi progressivamente ocupada por esses povos negroides.” (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.2)

Existem diversos relatos de autores clássicos da Antiguidade, Heródoto, Aquiles Tácio de Alexandria, Apolodoro, Aristóteles, Luciano, Ésquilo, Estrabão, Diodoro da Sicília, Diógenes Laércio e Amino Marcelino, que não deixam dúvidas ao referirem-se aos egípcios como homens de pele e fenótipo da raça negra. Porém existem teóricos que alegam que a linguagem seria figurativa, que os autores estariam referindo-se aos homens da terra negra, fazendo referência à cor da terra situada às margens do Nilo. Porém, em nada a linguagem parece figurada. “Para os escritores gregos e latinos contemporâneos dos antigos egípcios, a classificação física desses últimos não colocava problemas: os egípcios eram negros, de lábios grossos, cabelo crespo e pernas finas”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 12)

A origem racial dos antigos egípcios vem sendo questionada mais enfaticamente a partir dos anos sessenta; para isso vários métodos científicos vêm sendo utilizados.

Testes de dosagem de melanina foram realizados a partir da pele de múmias para verificar a existência da presença negra no Egito. É importante esclarecer que os materiais de embalsamamento são capazes de prejudicar a verificação da melanina nas camadas mais superficiais da pele, porém os melanócitos que se situam entre a derme e a epiderme não são atingidos pelos produtos do embalsamamento de forma tão agressiva, ocorre que os testes sobre a pigmentação da pele nas raças brancas, indicam um nível de melanina inexistente. “A avaliação do nível de melanina através de exames de microscópio é um método de laboratório que nos permite classificar os antigos egípcios inquestionavelmente entre as raças negras”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.11).

Segundo algumas análises a partir de crânios egípcios, a população se dividia equitativamente em negros, brancos e mestiços. Já os resultados de Falkenburger, mostram 36% de negroides, 33% de mediterrânicos, 11% de cro-magnoides e 20% de mestiços em vários graus. É importante salientar que em menor ou maior proporção sempre aparece uma expressiva quantidade de negros, porém a classificação torna-se por vezes complexa e arbitrária para fornecer porcentagens precisas<sup>1</sup>.

Devido à sua posição, no ângulo nordeste do continente africano, era inevitável que o vale do Nilo como um todo e o Egito, em particular, se tornassem o ponto de chegada das correntes migratórias oriundas não somente da África, mas também do Oriente Médio, e mesmo da Europa. Portanto, não é de surpreender que os antropólogos acreditem ter podido identificar, entre os muitos esqueletos nilóticos antigos, representantes das raças de cro-magnon-Magnon, armenoides, negroides, leucodérmicos, etc., embora esses termos devam ser aceitos com reservas. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. XLIX)

A partir dos vários métodos científicos e dos relatos de autores da antiguidade que identificam a existência de grande número de indivíduos negros no Egito, não se pretende excluir a importância de outros grupos raciais. Em função da sua localização geográfica e às terras férteis do Nilo, o Egito foi um território atraente para migração de diversos povos. Mas diferentemente daquilo que no passado foi sustentado como verdade absoluta, que a civilização egípcia era composta de um povo totalmente branco (constituído principalmente

---

<sup>1</sup> Os critérios para determinar crânios negroides e não negroides é muito elástico, não existe um consenso científico a respeito. Os índices nasais, por exemplo, são um dos critérios utilizados. Grande parte de etnias negras tem os índices nasais maiores que os brancos, mas as medidas dos etíopes aproximam-se dos povos germânicos. Os pesquisadores Thomson e Randall MacIver, que estudaram crânios de El-Amra, Abidos e Hou, expressaram que se fossem empregados os mesmos critérios usados nesses sítios, para analisar qualquer série de crânios ingleses contemporâneos, a amostra chegaria aproximadamente em 30% de tipos negroides. Independente das discordâncias entre os critérios adotados por diferentes pesquisadores, todas demonstram que o elemento negro já existia no período pré-dinástico, sendo assim, não foi fruto de uma infiltração tardia. Essas informações podem ser melhor entendidas na História Geral da África, II, 2010, p. 2-10.



de indivíduos do oriente próximo e mediterrâneos), as pesquisas demonstram que também havia a forte presença negra.

Também há que se levar em consideração, o fato dos fenótipos negros africanos apresentarem inúmeras variações, por exemplo, tipos físicos da porção oriental diferenciam-se dos da África Meridional e Central, e sobretudo, as diversas etnias de cada uma dessas regiões apresentam distinções. A pigmentação escura permanece, mas variações nos índices nasais, prognatismo e medidas cranianas, entre outras questões, ocorrem. São encontradas semelhanças, mas também variantes entre diferentes grupos negro-africanos.

Os cânones da arte egípcia não limitaram a variedade dos tipos humanos, obviamente existe um conjunto de regras pré-estabelecidas, que impressionam pelo tempo que perduraram, cerca de 3 mil anos, porém dentro de uma margem regulada pelos cânones, (que apresentam pequenas variações em diferentes períodos), pode-se ver a diversidade das figuras humanas, tanto na realeza quanto em outras diversas posições sociais.



Cabeça colossal rei Amenhotep III; granito vermelho; 2,9m (altura), 360 kg; c.1370 a.C. (Novo Império, dinastia 18, reinado de Amenhotep III); Egito; THE BRITISH MUSEUM



Retrato da rainha Tiy com uma coroa de duas penas; madeira, prata, ouro e faiança; 22,5 cm (altura); c.1355 a.C. (Novo Império, dinastia 18); Egito; STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN

O Rei Amenhotep III casou-se com uma plebeia, que se tornou a rainha Tiy, dessa união nasceu Akenátton.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> O governo de Akenátton, é aquele em que a arte mais diferenciou-se, o assunto será abordado na página 48.



Recorte do GOOGLE MAPS dando ênfase ao vale do Nilo e marcação de algumas cidades do Egito antigo.

## 2.1- Teses sobre a antropologia física dos antigos egípcios: Simpósio realizado no Cairo em 1974

No segundo volume da História Geral da África, foi inserida uma versão resumida do relatório final, do Simpósio realizado no Cairo, em 28 de janeiro a 3 de fevereiro de 1974, *O Povoamento do Antigo Egito e a Decifração da Escrita Meroíta*. O primeiro tema, o povoamento do Antigo Egito, inclui a discussão sobre a antropologia física dos antigos egípcios, não houve consenso nessa questão.

Foram apresentadas duas teorias opostas; a primeira teoria afirma que:

Desde o período pré-dinástico, o antigo Egito foi povoado por “brancos”, embora de pigmentação escura ou mesmo negra. Os negros só apareceram a partir da XVIII dinastia. Segundo alguns autores, a partir do período protodinástico a população teria permanecido a mesma; outros acreditam que a penetração estrangeira na África alterou profundamente as condições de vida cultural. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 823)

A segunda teoria defende que:

O Antigo Egito foi povoado por negros africanos “desde o início do Neolítico até o final das dinastias nativas”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 823)

Para tentar explicar de maneira simples, as definições de raça variaram muito, desde brancos de pigmentação negra, a mestiços de pele escura, ou seja, para alguns estudiosos, outros fatores prevalecem sobre a cor da pele. Definições distantes, no entendimento contemporâneo sociocultural sobre o fenótipo de raça negra. Mas sob o ponto de vista científico realmente não existe uma definição precisa.

Diante das polêmicas, é importante citar o primeiro trecho da conclusão geral do relatório sobre o simpósio.

Embora o texto preparatório enviado pela Unesco especificasse o que se esperava do Simpósio, nem todos os participantes prepararam comunicações comparáveis às contribuições, minuciosamente pesquisadas, dos professores Cheikh Anta Diop e Obenga. Em consequência, houve um verdadeiro desequilíbrio nas discussões. No entanto, por uma série de razões, as discussões foram muito construtivas. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010. 848)

As pesquisas de Diop indicam que a partir da pré-história, as margens do Nilo foram povoadas por povos negros africanos, seguindo assim no Período pré-dinástico até o fim das dinastias nativas. Seus estudos não excluem a presença de outros povos, mas afirmam que não foram definidores da cultura e da origem racial dos egípcios. Outro aspecto importante, é que Diop refere-se ao definidor principal da raça negra, como sendo a cor da pele, e deixa muito nítido que fala basicamente de dois fenótipos negros autóctones (originários do vale do Nilo), que compuseram a população do Egito Antigo. “Para o professor Diop, existem duas raças negras, uma com cabelo liso e outra com cabelo crespo, se a cor da pele é negra,





76

[3572]  
 CAST OF THE REVERSE OF  
 A SLATE CEREMONIAL OBJECT,  
 REPRESENTING NARMER, ONE OF THE EARLIEST KINGS  
 OF EGYPT, SLAYING AN ENEMY.  
 HE IS ACCOMPANIED BY HIS SANDAL-BEARER.  
 HIERAKONPOLIS.

[1<sup>st</sup> DYNASTY, ABOUT B.C. 3500]

### **3 - Dados Culturais**

As pesquisas relacionadas à africanidade do Egito, estão além da busca por provas da antropologia física sobre a raça dos antigos egípcios. O egiptólogo francês, Jean Vercoutter, que fora encarregado pela UNESCO, de escrever o relatório preliminar sobre o segundo volume da História Geral da África, chegou à conclusão de que não se deve tentar estimar porcentagens sobre a antropologia física dos antigos egípcios, pois não se dispõe de dados estatísticos precisos para calculá-las.

“Sobre a cultura egípcia consta no relatório: O professor Vercoutter observou que, de seu ponto de vista, o Egito era africano quanto à escrita, à cultura e à maneira de pensar”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 34)

As relações entre o Egito Antigo e a África negra não são feitas a partir de meras suposições, existem estudos a respeito das migrações egípcias para a África Ocidental. Entre diversas similaridades culturais, podemos encontrar o totemismo, o culto aos ancestrais, a concepção num eu multidimensional e a afinidade linguística, questões que serão abordadas nesse capítulo.

#### **3.1 - Escrita**

Sendo pictográfica, a escrita egípcia está intimamente ligada à arte, pois é constituída por desenhos. Em alguns registros, a escrita torna-se muito elaborada, com ideogramas refinadamente talhados e cheios de detalhes como na paleta de Narmer.

Os testes feitos por meio do carbono 14, sugerem que a invenção da escrita no Egito ocorreu na pré-história, aproximadamente há 4 mil anos a.C. e aparece constituída 3 mil anos a.C. na paleta de Narmer, o primeiro faraó.

A escrita egípcia é pictográfica como diversos sistemas antigos, porém enquanto na China e na Mesopotâmia, por exemplo, as pictografias transformaram-se em formas abstratas, o Egito continuou com seu formato original.

Tem-se sugerido frequentemente que a escrita hieroglífica foi trazida para o vale por invasores do Oriente, ou tomada de empréstimo à Mesopotâmia pelos egípcios. O mínimo que se pode dizer é que não há nenhum vestígio material desse empréstimo em torno de -3000”. Pelo contrário, é possível acompanhar, passo a passo, a sua lenta formação. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. LIV)

O complexo sistema de escrita egípcio passou por diversas etapas, existe somente um texto em escrita alfabética de um período muito tardio, uma exceção. No final do império, o Egito foi alvo de constantes invasões e dominações por povos de países vizinhos, portanto,

*Página anterior: Paleta de Narmer; cópia em gesso do original (pedra de ardósia); 64 x 42 x 2,5 cm; Primeira Dinastia (c. 3.000 a.C.) Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART*



Three horizontal registers of hieroglyphs at the top of the panel, followed by a large block of vertical hieroglyphic columns. The columns contain dense hieroglyphic text, likely a dedication or a list of offerings.





é possível que devido a essas invasões, a partir de aproximadamente 660 a.C., tenha ocorrido interferência externa na escrita egípcia. Foi nesse período que a escrita passou a ter 24 signos-palavras, cada um com apenas uma consoante. Esses signos passaram a ter um papel semelhante ao de nossas letras.

O conservadorismo no emprego dos signos-palavras do Egito Antigo, deve-se a importância que os egípcios atribuíam à imagem. “Ainda por volta de -1700, os escribas por vezes mutilavam os signos que representavam seres perigosos (pelo menos a seus olhos): as serpentes tinham o rabo cortado; certos pássaros apareciam sem os pés”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. LIV)

Finalmente, talvez o mais importante seja o fato de que os antigos signos hieroglíficos foram todos tomados da fauna e da flora do Nilo, provando, assim, que a escrita é de origem puramente africana. Se admitirmos que houve influência externa no advento da escrita egípcia, tal influência pode ter sido, no máximo, da ideia de escrever, o que é pouco provável se levarmos em conta que a escrita tomou forma muito cedo no Egito, no IV milênio antes da Era Cristã. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. LIV-LV)

O rápido desenvolvimento da escrita no Egito Antigo, foi impulsionado pela necessidade dos habitantes do vale do Nilo agirem em conjunto, pois as intempéries eram grandes, uma cheia inesperada do rio, por exemplo, poderia comprometer a subsistência da população. Mesmo antes da unificação do Egito (cerca de 3 mil anos a.C.) a comunicação fazia-se fundamental entre diferentes regiões. Estima-se que 4 mil anos a.C. a escrita já estava sendo desenvolvida e amplamente utilizada.

A administração de um império tão vasto, a partir da sujeição do Baixo Egito pelo do Alto Egito (unificação do império e início das dinastias) exigia uma escrita eficiente. Era de extrema importância que as informações administrativas fossem repassadas para todas as províncias, assim como as notícias e dados econômicos das províncias precisavam chegar ao governo central.

A escrita egípcia deixou registros importantíssimos, além de inúmeras informações minuciosas sobre a economia, situações militares, administrativas e rituais religiosos, revela formas de pensar e concepções do mundo dos antigos egípcios.

Descrição da obra da página anterior:

Mentuwoser, administrador (contador-mordomo) de Senwosret I, é mostrado sentado diante de uma mesa cheia de oferendas. Diante dele, seu filho, Intef, pai falecido de Mentuwoser, e sua filha. A inscrição consiste em uma fórmula de oferenda em três linhas, seguida de um texto biográfico e um apelo aos vivos. O evidente orgulho de Mentuwoser pelas suas posses e realizações, reflete a equação egípcia comum do sucesso com a retidão. (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, tradução da autora)



### **3.2 - Migrações**

As inúmeras invasões ocorridas no final do Egito faraônico, aproximadamente entre 660 a.C. a 540 d.C., causaram sérios distúrbios, corroborando para que o povo deixasse o território. Aboubacry Lam, publicou em seu livro, *O Saara ou vale do Nilo?* (1994), o relato do início do século XX, do senegalês Yoro Dyão.

Yoro Dyão compilara entre seu próprio povo, os peul do norte do Senegal, um registro oral, de nada menos que seis migrações do Egito para a África ocidental, que remontavam até o século VII a.C. Em cada um dos casos, essas migrações foram precipitadas por distúrbios sociais e políticos causados por invasões estrangeiras. Em todos eles, é citado na língua pular o nome do faraó reinante. A partir de aproximadamente 660 a.C. o Egito foi invadido pelo menos seis vezes: por assírios, persas (duas vezes), macedônios, romanos e árabes. As cinco primeiras dessas invasões parecem ter empurrado um número significativo de habitantes do vale do rio Nilo para fora de seu país, a oeste, num percurso de mais de 4.500 quilômetros que os levou a África Ocidental. A última dessas migrações provavelmente envolveu o povo conhecido como os dogon do Mali. (FINCH III, 2009 p. 89)

O livro de Aboubacry Lam, que traz as histórias orais das migrações do império egípcio para a África Ocidental, convergem com muitos estudos sobre as similaridades entre o Antigo Egito e culturas da costa ocidental africana. Entre as inúmeras pesquisas que abordam as relações entre o Egito Antigo e povos da África Ocidental, estão as teses de J. Olumide Lucas sobre as estreitas similaridades entre a religiosidade dos lorubás e dos antigos egípcios e a impressionante afinidade linguística, investigação minuciosa realizada por Cheik Anta Diop e Théophile Obenga.

### **3.3 - Afinidade Linguística**

No livro *Parentesco Genético das Línguas Egípcia e Negro-africanas*, Cheik Anta Diop, investiga as correspondências morfológicas, lexicais, fonéticas e sintáticas, demonstrando muitas similaridades entre a antiga língua egípcia e um número considerável de línguas negro-africanas, “entre o egípcio e o wolof, a correspondência é total”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.831) O wolof é uma língua falada no extremo oeste da África, na costa atlântica, é o idioma nacional do Senegal.

Os estudos de Diop são minuciosos e extensos, para os interessados em aprofundar o assunto, é possível iniciar uma leitura para maior embasamento, no capítulo *Origem dos Antigos Egípcios*, no vol.II da *Coleção História Geral da África* ou mesmo pelo livro *Parentesco Genético das Línguas Egípcia e Negro-africanas*, de Cheik Anta Diop.

Página anterior: Figura ritual, madeira (anteriormente revestida com folha de chumbo), 21 x 18 x 14,3 cm; 380-246 a. C. (Período Tardio ou Período Ptolemaico Precoce, Dinastia 30 ou posterior), Egito. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

Existem algumas modificações na posição e formas anatômicas do corpo em relação a tradição da escultura egípcia mantida durante milênios, as mudanças nesse período são influenciadas pela intensa entrada de outras culturas no Egito por meio das inúmeras invasões estrangeiras.





### **3.4 - Ideias Religiosas**

Com o livro *The Religion of the Yorubas*, em 1948, J. Olumide Lucas analisou a estreita correspondência entre as concepções religiosas dos iorubás da Nigéria Ocidental e dos antigos egípcios. “Para Lucas, tais correspondências eram muitas para que se pudesse explicá-las pela evolução convergente, e ele talvez tenha sido o primeiro a propor que as origens do povo e da cultura iorubá podiam ser encontradas no vale do Nilo”. (FINCH III, 2009 p. 88)

As concepções a respeito da ancestralidade, a visão cíclica do tempo e a ideia sobre a materialidade como lugar de união e não de separação entre corpo e espírito, existiram no Antigo Egito, assim como em diversas culturas africanas, e ainda existem nas comunidades tradicionais africanas; esses conceitos estão impregnados em muitas obras artísticas.

O culto dos deuses e dos mortos foram para os antigos egípcios, assim como para os iorubás e outras culturas africanas, os pilares das manifestações religiosas, e ainda continuam sendo para os grupos que preservaram suas tradições.

A análise de J. Olumide Lucas em seu livro *The Religion of the Yorubas*, abre caminho para uma discussão maior, pois os iorubás não são os únicos grupos culturais africanos a apresentarem correspondências religiosas com os egípcios.

O culto dos deuses e dos mortos, orixás e egúns, respectivamente para os iorubás, eram realizados em locais físicos distintos, haviam os templos dos deuses e os templos dos mortos. Assim como no Egito Antigo, os orixás dos iorubás, embora sejam pais e mães míticos e, portanto, ancestrais, são de natureza muito distinta dos ancestrais humanos. Esse entendimento a respeito dos deuses e dos mortos (os ancestrais míticos e ancestrais humanos) também são evidenciados em povos africanos que cultuam voduns (grupos do antigo Daomé, território que atualmente compreende parte do Benin e pequenas porções de países vizinhos) e povos que cultuam inquices (grupos bantos). O culto tanto dos orixás, voduns e inquices, atualmente tem suas tradições preservadas somente em alguns poucos locais da África, situação decorrente da pressão de culturas europeias e muçulmanas. Nas Américas, embora com toda a violência da escravidão e tentativas de aculturação, houve

Descrição da obra da página anterior:

Estátua da Deusa Sakhmet; Granodiorito; 213 x 49,5 x 97,5 cm; 1390-1352 aC (Novo Império, dinastia 12, Reinado de Amenhotep III); Egito (Tebas, templo de Karnak). Museu Metropolitano de NY.

Esta estátua representa Sakhmet, a deusa que representou a força da violência e desastre inesperado. Seu potencial para o perigo é simbolizado pela cabeça do leão com que ela é representada e pelo disco de sol que ela usa. Os médicos egípcios viam o tratamento da doença em parte como um apaziguamento de Sakhmet, e por essa razão eram geralmente sacerdotes da deusa. Ao reter seu poder, Sakhmet dá vida, simbolizada pelo sinal ankh que ela segura em sua mão esquerda. (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, tradução da autora)







a preservação dos cultos dos orixás, voduns e inquices, os ritos sofreram adaptações, porém a essência manteve-se com vigor. Com a migração forçada africana, de grande quantidade de pessoas para as Américas em decorrência da escravidão, houve a recriação de sistemas que reproduzem a essência das organizações culturais, religiosas e sociais dos povos de origem, que perpetuaram a cosmovisão africana, estruturas que mantêm-se até os dias atuais através das comunidades tradicionais. As concepções africanas são preservadas tanto nos quilombos contemporâneos quanto através dos templos de matriz africana, que “subjazem conteúdos de natureza filosófica e teológica de visão de mundo que permeia toda uma concepção existencial. A humanidade negra africana enxerga homens e mulheres sob outra dimensão que não a ocidental”. (ALMEIDA, 2011)

Outra correspondência importante entre a religião dos antigos egípcios e dos grupos tradicionais africanos é a presença dos objetos rituais. Muitos livros e museus utilizam a nomenclatura fetiche, que neste texto será substituída pela denominação objeto ritual, que é empregada na antropologia, e foi adotada nesse trabalho por aproximar-se muito mais do significado dessas obras para aqueles que as utilizam. Os objetos rituais, têm como finalidade o culto dos deuses e dos ancestrais, dessa forma, arte, vida e religiosidade não apresentam limites entre si. Os objetos rituais oportunizam, por meio de sua confecção e dos ritos aos quais são submetidos, a intersecção entre mundo físico e o universo imaterial. Na perspectiva africana, o corpo, assim como o espaço físico que nos cerca, está em constante comunicação com uma dimensão anímica, sendo assim, os ritos e os objetos rituais intermediam e colaboram para o equilíbrio entre corpo e espírito.

O presente trabalho, *Raízes Africanas do Egito Antigo: Uma Abordagem Interdisciplinar a partir das Artes Visuais*, refere-se muitas vezes às concepções e formas de compreender o mundo africanas de maneira panorâmica porque segue a perspectiva da *Coleção História Geral da África*, que aborda a importância do continente Africano ser estudado a partir de sua unidade histórica, isso inclui perceber as semelhanças entre seus povos.

Essa História Geral da África coloca simultaneamente em foco a unidade histórica da África e suas relações com os outros continentes, especialmente com as Américas e o Caribe. Por muito tempo, as expressões da criatividade dos afrodescendentes nas Américas haviam sido isoladas por certos historiadores em um agregado heteróclito de africanismos; essa visão, obviamente não corresponde àquela dos autores da presente obra. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. XXV)

Página anterior: Deusa Taweret, Faiança vidrada, 11 x 3,3 x 4,8 cm, 332–30 a.C. (Período ptolomaico), Egito (área de Oena, norte do Alto Egito. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

Esta estatueta representa a deusa Taweret, entre suas incumbências estava a proteção de mulheres grávidas, especialmente durante o parto. Sua imagem ameaçadora, destinada a afugentar os demônios e outras criaturas mortais, combina características de humanos, hipopótamos, crocodilos e leões.



Certamente, também é importante levar em consideração, que a grande extensão desse continente, oportunizou uma variedade imensa de culturas, com suas particularidades e diferenças, situação que não é ignorada nesse trabalho, porém, não é o objetivo central tratar com especificidade os vários povos e etnias, mas ao contrário, perceber as semelhanças (obviamente, sem reduzir as multiplicidades culturais e homogeneização). O Capítulo Dados Culturais e seus subcapítulos, compreendem que “a antiguidade egípcia é, para a cultura africana, o que é a antiguidade greco-romana para a cultura ocidental. A constituição de um corpus de ciências humanas deve ter isso como base”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 34)

## **a) Os deuses**

Entre as muitas similaridades das religiões dos iorubás e dos antigos egípcios, os deuses do Egito Antigo, assim como orixás dos iorubás, os voduns dos fons e os inquices dos bantos, estão associados a elementos da natureza, bem como aos ciclos de geração, nascimento, crescimento, reprodução e morte. A arte, por sua vez, ocupa papel fundamental nesse contexto. Os símbolos dos deuses e da natureza podem ser verificados em diversas manifestações artísticas e culturais, como em esculturas, pinturas, cerâmicas, estampa de tecidos, joias e ornamentações variadas (na arquitetura, no vestuário, no mobiliário, etc.).

Outro ponto em comum dos antigos egípcios com os iorubás, são os deuses locais, assim como para os egípcios, cada cidade era “regida” por um determinado deus ou deusa. Tanto para os iorubás, como para os antigos egípcios, cada deus local era “deus supremo em seu próprio domínio e senhor incontestável do território, com uma exceção: o deus local de uma cidade em que o chefe de um grupo chegasse ao poder tinha precedência sobre os demais”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.42)

Na religião dos iorubás, existe um grupo de iniciados que cumpre com as práticas rituais e detêm um conhecimento específico, porém toda a comunidade em torno desses iniciados é beneficiada e acolhida. Algo estreitamente similar acontecia no Antigo Egito.

Acima de tudo, O templo é um lugar de trabalho onde o rei, auxiliado pelos sacerdotes iniciados, pratica uma alta magia de Estado para assegurar a boa marcha dos acontecimentos (fundamentalmente para assegurar a alimentação de seu povo). Por mais distante que fossem, os deuses, motores do mundo, eram sentidos como seres





peçoais, próximos de cada mortal. No Novo Império, o povo rezava para eles diante dos portões laterais dos templos, nas capelas das aldeias ou nas ruínas de monumentos antigos, onde se pode sentir sua presença (a Grande Esfinge de Gizé, principalmente, era considerada como um ídolo tanto do Sol como de Hurun, o deus curandeiro tomado de empréstimo aos cananeus). Os hinos estão gravados em pequenas estelas, testemunhando a fé dos mortais no deus de suas cidades: imploram-se também as graças do grande Âmon – juiz imparcial, que atende aquele que o chama, que ouve suas súplicas – para saúde ou para negócios. Em toda a história do antigo Egito, os nomes próprios mostram-nos que todas as camadas da população reivindicavam a proteção direta das grandes divindades. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.93)

Tanto no Egito Antigo, quanto na religião dos iorubás, cada ser humano está ligado a uma energia primordial, a qual corresponde um determinado deus, portanto cada homem é descendente de um deus mítico.

Na religião iorubá, “se os pais e antepassados são genitores humanos, os òrìsà são os genitores divinos; um indivíduo será ‘descendente’ de um òrìsà que considerará seu ‘pai’- Baba mi - ou sua ‘mãe’-ḷyá mi - e cuja matéria simbólica - água, terra, árvore, fogo, etc.- ele será um pedaço”. (SANTOS, 2012, p. 110)

Nas representações simbólicas dos deuses, sejam esculturas, pinturas, totens, joias ou objetos utilitários, a manifestação da matéria simbólica, está presente. Os elementos da natureza, aos quais os deuses estão relacionados, aparecem das mais variadas formas, sejam através dos seres antropomórficos, dos objetos que as figuras carregam consigo, das cores ou adornos que contém.

## **b) Totemismo**

A definição de Charles S. Finch III a respeito do Totemismo diz que: “animais e outros fenômenos da natureza simbolizavam os poderes da criação e representavam o ancestral mítico de um clã”. (FINCH III, 2009 p. 87) Partindo dessa definição pode-se perceber a presença constante dos totens no Império Egípcio, assim como constatar a sua produção ainda hoje, em comunidades de tradição africana.

As comunidades religiosas iorubás possuem os “assentos” ou “assentamentos” dos orixás, objeto ou agrupamento de objetos que representam os orixás e são de certa forma

Página anterior: Estatueta de Anúbis, madeira estratificada e pintada, 42,3 x 10,1 x 20,7 cm, 332-30 a.C. (período Ptolemaico), Egito. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

Anúbis é o deus da mumificação, na maioria de suas representações aparece com corpo de homem e cabeça de chacal.





suas moradas físicas. Cada orixá é representado por um objeto ou conjunto de objetos, ou seja, os deuses iorubás (os ancestrais míticos), possuem sua representação física. A palavra assentamento deriva do entendimento de que o orixá “está sentado”, “plantado” por intermédio dos objetos simbólicos e dos ritos que esses objetos são submetidos. Cada assentamento, assim como os totens egípcios, possui um conjunto simbólico que representam os genitores míticos dos seres humanos, usualmente diz-se que Fulano é filho desse ou daquele orixá, assim como os egípcios eram filhos desse ou daquele deus.

As similaridades entre os objetos rituais dos antigos egípcios e dos iorubás (que incluem totens), estão presentes desde sua feitura, pois devem cumprir determinadas formas, cores e símbolos para logo a seguir passarem por certos ritos. A partir de então esses objetos ficam estabelecidos sob uma outra dimensão que não somente simbólica e material, mas literalmente intermediam e potencializam as relações entre mundo material e imaterial, mais especificamente entre o mundo que pode ser percebido com os cinco sentidos e o mundo onde estabelecem-se os deuses e os mortos.

### **c) Concepções a Respeito da Vida e da Morte**

É interessante observar como as visões sobre a vida e a morte são semelhantes entre os antigos egípcios e povos da África Ocidental. Ao falar de povos da África Ocidental, a referência está sendo feita em relação aos povos até aproximadamente o início do século XIX, e atualmente àqueles que preservam suas tradições. Através da influência do cristianismo com a dominação colonial e também do islamismo, pouco a pouco as religiões africanas nativas sofreram grande impacto. Portanto, já a partir de meados do século XIX esses grupos passaram a tornar-se escassos. Na África atualmente, os núcleos religiosos tradicionais, existem basicamente afastados dos grandes centros urbanos. A preservação das concepções africanas a respeito da vida e da morte também pode ser verificada nas Américas através das comunidades que perpetuaram a cosmovisão africana.

No mesmo raciocínio de J. Olumide Lucas a respeito das grandes correspondências religiosas entre os iorubás e os antigos egípcios, pode-se verificar que os iorubás:

[...]concebem que a existência transcorre em dois planos: o *àiyé*, isto é, o mundo, e o *òrun*, isto é, o além. O *àiyé* compreende o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais que o habitam, particularmente os *ará-àiyé*, habitantes do mundo, a humanidade. [...] O *òrun* é o espaço sobrenatural, o outro mundo. Trata-se de uma

Página anterior: Objeto ritual de Anúbis (Imiut); Travertino (alabastro egípcio), cedro e pomada; 9,2 cm (3 5/8 in.); Diam 10 cm, 59,3 cm (altura), 1919–1885 aC (Médio Império, dinastia 12, Reinado de Amenemhat II); câmara dentro da parede do recinto sul, Mastaba de Imhotep, Região de Memphite, Egito; Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART



concepção abstrata de algo imenso, infinito e distante. É uma vastidão ilimitada - *ode òrun* – habitada pelos *ara-òrun*, habitantes do *òrun*, seres ou entidades sobrenaturais. (SANTOS, 2012, p. 55-56)

Continuando o paralelo, os iorubas, assim como os antigos egípcios, entendem que o homem é composto de diferentes elementos e que possui um duplo de seu corpo físico. “Cada indivíduo, cada árvore, cada cidade etc. possui um duplo espiritual e abstrato no *òrun*” (SANTOS, 2012, p.56) e também no *òrun*, estão todos os seres sobrenaturais.

Para os egípcios, “quando o deus Khnum, o deus-carneiro de Assuã, moldou os seres humanos a partir do limo, criou dois modelos para cada indivíduo, um para seu corpo e outro para seu *Ka*. O *Ka* era o seu duplo, a imagem exata do indivíduo que acompanhava o corpo físico por toda a vida”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 43) Na concepção iorubá, “o universo, cada um de seus elementos, todos os seres do *àiyé*<sup>3</sup>, possuem seus ‘dobles’ no *òrun*<sup>4</sup>, todos eles possuindo componentes de existência genérica e de existência individualizada”. (SANTOS, 2012, p. 233) Da mesma forma, “no decorrer da história, os egípcios vieram a acreditar que seus corpos encerravam diferentes elementos imortais”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 43). De maneira muito semelhante, os iorubás também relatam um eu multidimensional.

Os antigos egípcios cultuavam seus deuses com rituais cíclicos que visavam manter em equilíbrio a dinâmica do mundo. O mesmo entendimento existe nos dias atuais nos grupos de tradição iorubá. No Egito Antigo, acreditava-se que o faraó morto continuaria zelando pelo reino no além, de maneira semelhante os núcleos iorubás, em determinados períodos dedicam-se ao culto do egún, entendem que os ancestrais humanos, os egúns, continuam a zelar e guarnecer a segurança espiritual da comunidade.

A figura ao lado (usando coroa vermelha do Baixo Egito), foi encontrada com seu homólogo (com coroa branca do alto Egito), juntamente com um santuário e um objeto sagrado para o deus Anúbis<sup>5</sup>, em uma câmara de um túmulo em Lisht South. As duas figuras podem ser entendidas como sendo guardiães do utensílio sagrado. O objeto de veneração encontrado dentro do santuário era chamado de *imiut*<sup>6</sup>, “o que está nos embrulhos”. É constituído por um animal fictício (uma forma de linho dentro de uma pele de animal), sem cabeça ou patas traseiras, preso por tiras de linho a um bastão cujo fim descansa em um frasco contendo pomada, agora decomposta. No início da história egípcia, os fetiches *imiuts* foram colocados protetoramente em torno de espaços sagrados; mais tarde, o *imiut* era frequentemente representado em relação a deuses funerários, especialmente Osíris. Os guardiães e os *imiut* desempenhavam um papel importante durante os ritos realizados sobre a múmia na noite anterior ao funeral. (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, tradução da autora)

Figura do guardião; cedro, gesso e pintura; 5711 x,6 x 26 cm; 1919-1885 a.C. (Médio Império, dinastia 12, Reinado de Amenemhat II); câmara dentro da parede do recinto sul, Mastaba de Imhotep, Região de Memphite, Egito; Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

---

3 O mundo físico.

4 O mundo sobrenatural.

5 Escultura de Anúbis na pág. 36

6 Imagem do imute na página 38





Da mesma forma que os iorubás tinham uma relação de proximidade com os deuses, pouco a pouco a população egípcia foi assimilando e praticando os ritos funerários. Os Textos das Pirâmides levam os historiadores a conclusão que no princípio do império egípcio, os ritos funerários eram prioridade dos faraós, mas já no Primeiro Período Intermediário foram adotados pelos chefes locais, depois pelos nobres influentes no Médio Império e logo a seguir foram absorvidos por todos os egípcios, dos mais diversos níveis sociais.

Tudo isso transparece nos textos mortuários, cujas versões mais antigas preservadas são os chamados “Textos das Pirâmides”, escritos em hieróglifos nas paredes das câmaras funerárias da pirâmide do rei Unas, o último faraó da V dinastia, e na pirâmide de um da VI dinastia. Com a apropriação dos “Textos das Pirâmides” pelos chefes locais e régulos do Primeiro Período Intermediário, e posteriormente pelos nobres do Médio Império, grande parte das fórmulas mágicas e dos rituais foi eliminada, modificada ou recomposta de modo a adaptar-se às pessoas comuns. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 45)

A arte funerária desempenhava um papel de grande importância no Antigo Egito, independente de classe social, os egípcios providenciavam todo tipo de representação de suas vidas através de esculturas e pinturas, para colocá-las nos túmulos quando morressem, assim como pertences pessoais, inscrições relatando eventos ocorridos, objetos rituais (entre eles figuras de guardiões, pequenos santuários, estatuetas de deuses, amuletos, etc), era o que chamamos de *mobiliário funerário*. Obviamente, quanto mais abastado financeiramente era o indivíduo, mais luxuoso e rico era o mobiliário funerário colocado junto ao morto na necrópole.

Outra similaridade entre egípcios e iorubás é o lugar e momento do culto dos deuses e dos mortos. Os egípcios possuíam as necrópoles, as cidades dos mortos, onde eram enterrados e cultuados os ancestrais terrenos, em que os deuses por vezes aparecem mencionados, porém não era o local de culto dos mesmos. Os deuses eram cultuados em templos totalmente desvinculado das necrópoles. De forma muito semelhante ocorre com os iorubás. “Para os Nàgô<sup>7</sup>, os òrìsà<sup>8</sup> não são égún<sup>9</sup>. Distinguem-se em duas práticas litúrgicas bem diferenciadas”. (SANTOS, 2012, p. 109)

Esta figura funerária pertencia a uma mulher que tinha o título de cantora do Áton, o deus adorado por Aquenátom. A escultura fala dos fortes laços psicológicos e culturais dos egípcios comuns com a religião tradicional.

Página anterior: Figura funerária de Isis (Cantora do Áton); calcário; 22,3 x 7,2 x 6 cm; 1353-1336 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, Período de Amarna, Reinado de Aquenátom); Médio Egito, Amarna, Egito. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

---

<sup>7</sup> Termo análogo a iorubá.

<sup>8</sup> Deuses iorubás, os ancestrais míticos

<sup>9</sup> Ancestrais terrenos, os mortos.

## 4 - Representações dos Faraós

A estatuária egípcia está estreitamente relacionada à arquitetura funerária, e foi uma arte produzida para a “eternidade” pois no Egito Antigo, uma vida futura após a morte, era uma convicção. Os egípcios concebiam que seus corpos encerravam diferentes elementos imortais, um deles era o Ka, um duplo do corpo físico, a imagem exata do homem, “a necrópole era a morada dos Kas”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 45)

Uma grande quantidade de esculturas foi encontrada nos túmulos e templos funerários. Esse capítulo mostra algumas representações de faraós em importantes períodos históricos.

### Período Arcaico

O primeiro evento historicamente importante de que se tem notícia é a união dos reinos pré-históricos, ou melhor, a sujeição do Baixo Egito pelo soberano do Alto Egito, denominado Menés pela tradição (embora as fontes arqueológicas o chamem Narmer). Foi ele o fundador da primeira das trinta dinastias ou famílias governantes, em que o historiador egípcio Mêneton (-280) dividiu a longa linhagem de soberanos até a época de Alexandre, o Grande. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 39)



Cabeça do rei Narmer; calcáreo; 12,3 x 10,0 x 13,4 cm; c. 3100 a.C. (período Arcaico, I dinastia) Egito. Foto: Osama S.M. Amin; Fonte: THE PETRIE MUSEUM OF EGYPTIAN ARCHAEOLOGY



## Antigo Império

Na concepção egípcia o culto aos faraós mortos colaborava para que estes continuassem zelando pelo império na sua vida no além. Do início ao fim do Egito faraônico, os deuses, os faraós e os dignitários, aparecem em duas posições básicas, sentados ou em pé, as posturas de outras figuras também seguem regras baseadas na hierarquia social.

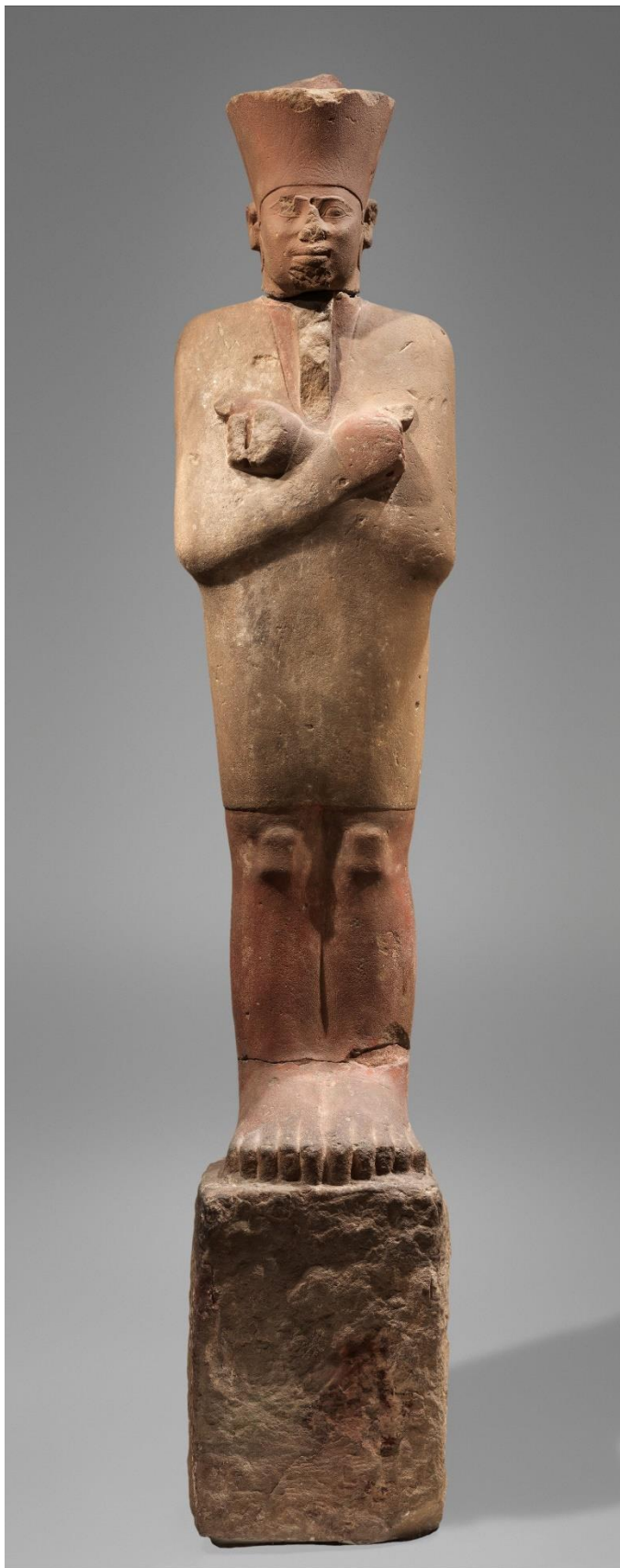
Segundo uma lenda egípcia, os três primeiros governantes da V dinastia (Userkaf, Sahure e Nederirkare) eram filhos do deus Rá. A maior parte dos faraós dessa dinastia construiu grandiosos templos dedicados ao deus-sol.k



Rei Sahure e um deus local; Gneisse; 64 x 46 x 41,5 cm; 2458-2446 a.C. (Antigo Império, dinastia 5, reinado de Sahure), Egito. Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

Esta é a única representação tridimensional preservada que foi identificada como Sahure, o segundo governante da V dinastia. O faraó está sentado em seu trono acompanhado por uma figura masculina menor, a personificação do deus local da quinta província do Alto Egito, que oferece ao governante um ankh (hieróglifo que significa vida). (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, tradução da autora)

## Médio Império



Após o Primeiro Período Intermediário (momento de crise, anarquia, guerra civil e caos social), Mentuhotep II consegue reunificar o império egípcio, e em decorrência do grande feito, torna-se o governante com maior destaque na XI dinastia.

“Tebas, até então um nomo desconhecido e sem importância, põe fim a supremacia de Heracleópolis, reivindicando a soberania sobre o Estado egípcio”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 39)

Além da reunificação, a reorganização administrativa do Egito, foi outra realização muito importante desse faraó.

Do Antigo Império até o Período Médio, de forma geral, o estilo da escultura permanece muito parecido. Essa escultura em especial, de Mentuhotep II foge a regra. O estilo é intencionalmente arcaico, provavelmente pelo fato desse governante ter reunificado o império egípcio.

“Vinte e duas estátuas deste tipo ficavam ao lado (mas não na sombra) de árvores de sicômoro e tamarindo que alinhavam o caminho processional através do pátio do templo mortuário de Mentuhotep II em Deir el-Bahri”. (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, tradução da autora)

Estátua de Nebhepetre Mentuhotep II; arenito e pintura; 252,9 x 47,7 x 43,7 cm; 2051-2000 a.C. (Médio Império, Dinastia 11, reinado de Mentuhotep II); Egito (Alto Egito, Tebas, Deir el-Bahri, Templo de Mentuhotep II, originalmente do pátio). Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART



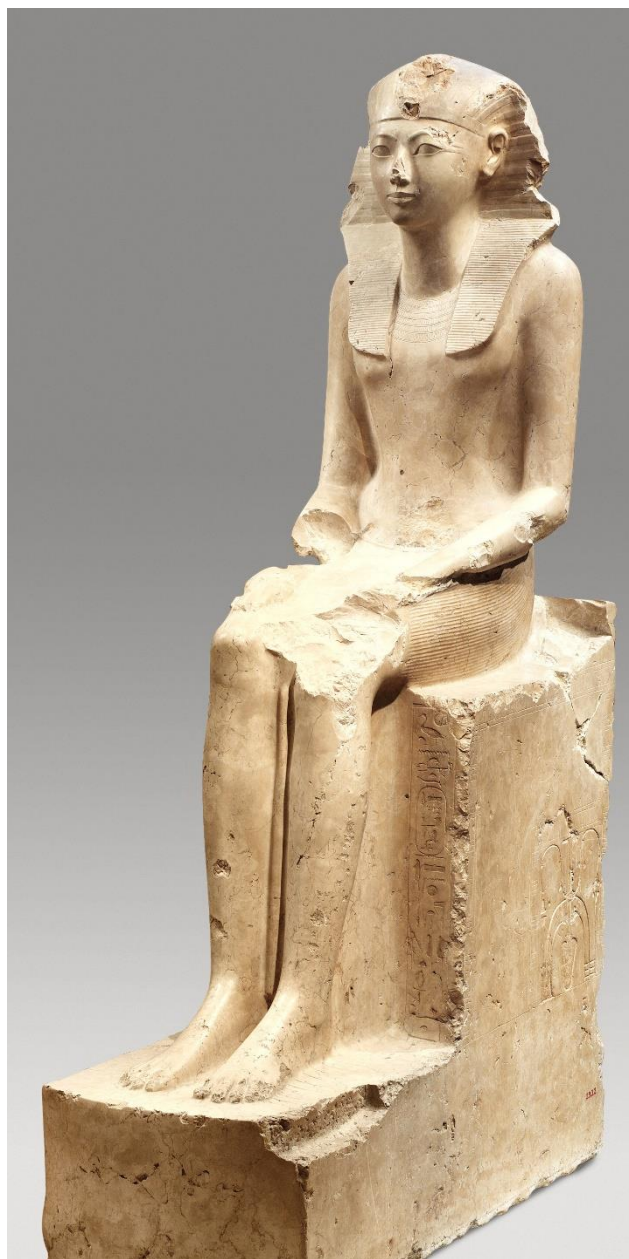
## Novo Império

Após 150 anos de dominação dos egípcios pelos hicsos, fato decorrente não somente de conflitos, mas de uma infiltração, pois numerosos grupos provenientes das terras a nordeste do Egito migraram para o país, finalmente Amósis consegue expulsar os invasores, fundando a XVIII dinastia. O reinado de Amósis I, assim como os que se seguiram foram empenhados na manutenção, organização e expansão do império.

### Reinado de Hatshepsut

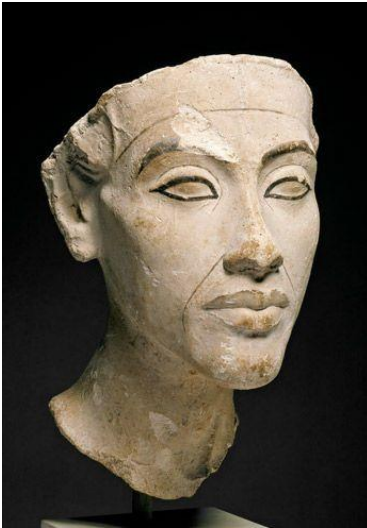
Algumas rainhas parecem ter tido influência política, administrativa e religiosa decisivas, mas apenas quatro mulheres tornaram-se faraós, Nitócris, Sebcnefru, Tauosré e Hatshepsut, a mais conhecida. Seu reinado é o quinto da XVIII dinastia, os vinte anos de sua administração foram pacíficos e prósperos, a governante dedicou-se principalmente aos negócios internos e à edificação de grandes obras. A faraó deu provas de sua vitalidade tanto na manutenção da prosperidade do império quanto ao construir dois grandes obeliscos no templo de Carnac, assim como o suntuoso túmulo de Deir-el-Bahari e “ao organizar a primeira expedição na Costa da Somália, ao reio de Punt”. (DIOP, 2014, p.105)

“Nesta estátua em tamanho real, Hatshepsut é mostrada usando os *Nemes*—headcloth e *oshendyt*—kilt” (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART) que são partes do traje do faraó, normalmente usado por homens, algumas pessoas interpretam erroneamente esse fato acreditando que Hatshepsut masculinizou-se. O traje, entre outras coisas, era um simbolismo que identificava o Faraó, independente da idade ou do sexo. Nessa escultura seus títulos apresentam-se no feminino, para ler-se *Senhora das Duas Terras, Filha Corporal de Amon-Rá e Deusa Perfeita*.



Estátua de Hatshepsut sentada; calcário endurecido e pintura; 195 cm x 49 cm x 114 cm; 1479-1458 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18; Reinado de Hatshepsut); Do Egito, (Alto Egito, Tebas, Deir el-Bahri & el-Asasif, Pedreira de Senenmut); Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART





## Reinado de Aqueenáton

O décimo faraó do Novo Império é Aqueenáton, ele promoveu uma mudança radical na política, seu governo merece atenção especial, pois demonstra como a arte egípcia estava estreitamente vinculada à política e à religiosidade. “O alvo de seus ataques foi principalmente o clero de Âmon. É provável que suas razões fossem tanto políticas como religiosas, já que em Tebas, os grandes sacerdotes do deus nacional, Âmon-rá, haviam adquirido tanta riqueza e poder que constituíam uma ameaça direta ao trono”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.60)

“O novo rei não possuía nem as qualidades de soldado nem as de estadista. Preocupou-se sobretudo com as questões intelectuais e espirituais, ou, mais precisamente, com a sua própria mente e espírito”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 58)



O faraó declarou Áton o único deus verdadeiro e renegou as outras divindades, provocando uma enorme polêmica e o descontentamento de muitos. O culto a Áton, era bem mais simples do que a tradição egípcia até então praticava, era realizado ao ar livre, no pátio do templo, dispensava as imagens do deus e consistia principalmente em ofertar flores e frutas no altar.

No sexto ano de seu governo, o rei mudou-se para Amarna, onde pouco tempo antes havia iniciado a construção de sua nova morada, que chamou de Aquetáton (Horizonte de Áton).

“Aqueenáton, como esteta que era, desaprovava as formas estilizadas da arte do retrato tradicional e insistia na adoção de um naturalismo livre, em que o artista procurasse representar o espaço e o tempo imediatamente perceptíveis, e não fixados na eternidade”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 60)



Cabeça de Aqueenáton; gesso, 26cm (altura); c. 1340 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, reinado de Aqueenáton); Amarna, Egito.

Fonte: STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN

Aqueenáton; fragmento do pilar, arenito; 1,37 x 0,88 x 0,60 m; c. 1350 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, reinado de Aqueenáton); templo dedicado a Áton, Tebas, Egito. Fonte: MUSÉE DU LOUVRE

Estudo de relevo do rei Aqueenáton: calcário; 15 cm (altura); c. 1340 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, reinado de Aqueenáton); Amarna, Egito. Fonte: STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN

Assim como seu pai (Amenhotep III), Akenátton casou-se com uma plebeia. Essas esculturas do casal real foram encontradas no ateliê de Tutmés. O busto da rainha, segundo o Museu Egípcio de Berlin, servia como modelo para os artistas que produziam retratos de Nefertiti. A escultura do faraó é mais realista que a maioria de suas representações, isso deve-se ao fato de que tinha a mesma finalidade da cabeça de Nefertiti, servir como modelo.



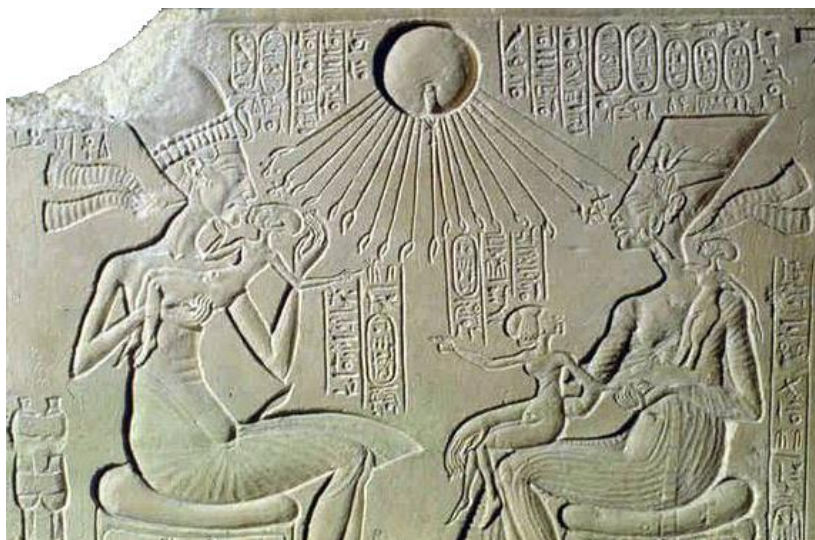
Cabeça de Akenátton; gesso, 26cm (altura); c. 1340 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, reinado de Akenátton); Amarna, Egito. STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN



Cabeça de Nefertiti; Calcário, gesso, cristal e cera; 50cm (altura); c. 1340 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, reinado de Akenátton); Amarna, Egito. STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN

Akenátton rompeu com tradições em várias áreas, fato que também repercutiu nas artes, as representações artísticas no seu reinado não tinham o mesmo comprometimento com a eternidade, permitindo assim, que sua família fosse representada em cenas informais, como na estela abaixo.

Mas as mudanças desse faraó não sobreviveram à sua morte, seus sucessores, Semenkhare (que reinou apenas três anos) e Tutancâmon, reconciliaram-se com o clero e restituíram a religião a sua situação anterior, por extensão a arte também retomou a tradição.

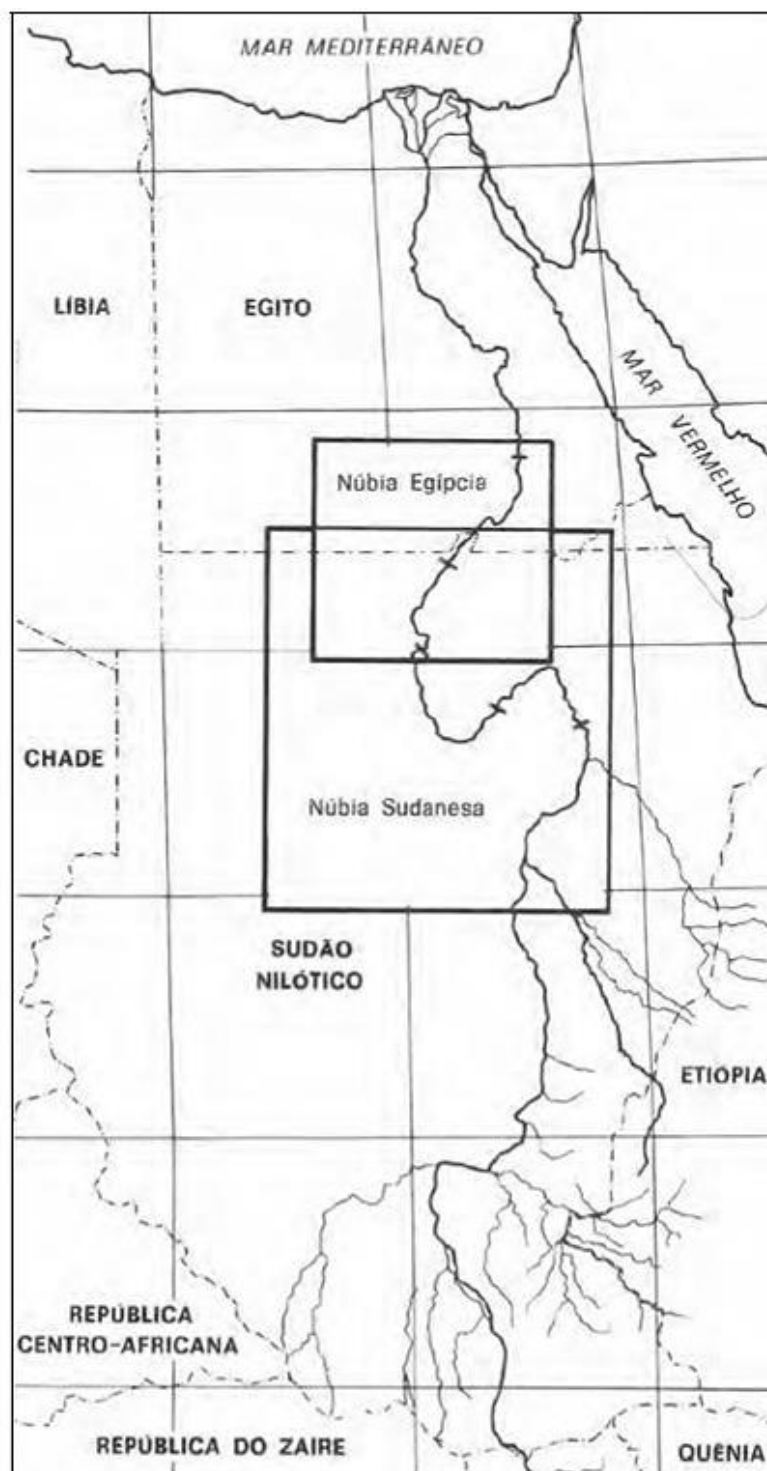


Casa Santuário; calcário; 32,5 cm (altura); c. 1340 a.C. (Novo Reino, Dinastia 18, reinado de Akenátton); Amarna, Egito. STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN

## **5 - O Império Egípcio e as relações com a Núbia**

A Núbia abrangia o sul do atual Egito até pelo menos o centro do Sudão, da primeira à sexta catarata do rio Nilo; seus limites ao sul são incertos, define-se a Núbia histórica a partir do paralelo 12°.

As relações do Antigo Egito com a Núbia são muito antigas e ocorreram desde o período pré-dinástico. Os intercâmbios com os vizinhos do sul sempre foram de grande importância. Eram fornecedores de suprimentos, alimentos e de homens para a defesa.



O vale do Nilo e o Corredor Núbio. (Mapa fornecido por J. Vercoutter.)



“Os núbios, famosos por seus arqueiros, ocupavam uma posição de destaque no exército egípcio. Empregados igualmente como trabalhadores agrícolas.” (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 105)

No final da V dinastia do Egito Faraônico, criou-se o cargo de governador do sul, posto de grande importância, pois era responsável pela defesa do sul do Egito e pelos intercâmbios comerciais.

A Núbia foi uma região estratégica, que permitiu intercâmbio entre as antigas civilizações do Mediterrâneo, e a África (do sul, do leste e do oeste). O território núbio, além de ser provedor direto de produtos e mão de obra, foi fundamental como elemento de ligação para a passagem “das mercadorias comercializadas entre o Mediterrâneo e o coração da África”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 859)

Por volta de 720 a.C. ocorreu a dominação sudanesa no Egito com a XXV dinastia, a sede do império egípcio situou-se em Napata. “Piankhy (Peye), sudanês que governou o Sudão entre a Primeira e a Sexta Catarata, baseado numa capital situada na Quarta Catarata, considerou-se suficientemente poderoso para desafiar o trono dos faraós”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 67). Essa dinastia durou cerca de sessentas anos. Após inúmeras tentativas, os assírios conseguiram vencê-la e passaram a governar o Egito. Estima-se que no século VI a.C. a capital da Núbia foi transferida de Napata para Meroé.

### **Em 2011, os sítios arqueológicos de Méroe, no Sudão, foram adicionados a Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO.**

Em Meroé encontram-se pirâmides, templos, edifícios residenciais, e instalações ligadas à gestão da água. O sítio arqueológico corresponde a capital Meroé, que inclui o local da cidade e cemitério, e Musawwarat es-Sufra e Naqa, dois assentamentos associados e centros religiosos.



Sítio Arqueológico da Ilha de Meroe (Sudão) Foto: Ron Van Oers, © UNESCO



Localização de Meroé. GOOGLE MAPS

Meroé localiza-se em uma paisagem semidesértica, é denominada Ilha de Meroé devido a sua posição na confluência do Nilo Azul, Nilo Branco e o rio Atbara







Sítio Arqueológico da Ilha de Meroe (Sudão). Foto: Ron Van Oers, © UNESCO

Os sítios arqueológicos da Ilha de Meroé refletem o intercâmbio de ideias e o contato entre a África Subsaariana, o Mediterrâneo e mundos do Oriente Médio, ao longo de um importante corredor de comércio, durante um período de tempo muito grande. A interação de influências locais e estrangeiras é demonstrada pelos restos arquitetônicos preservados e sua iconografia. (UNESCO, tradução da autora)





## Considerações Finais:

A produção do material de apoio para professores surgiu através da pesquisa sobre a origem das artes e culturas africanas. Tais estudos chegaram à conclusão que é fundamental os professores abordarem a africanidade do Egito Antigo, e ao expor qualquer aspecto das primeiras expressões artísticas da humanidade, é importante falar sobre o continente africano, pois foi nele que os primeiros homens surgiram.

A África é o lugar onde uma das mais antigas e impressionantes civilizações do planeta desenvolveu-se, o império egípcio, nas margens do rio Nilo, onde há 15 mil anos, já havia comunidades sedentárias.

Para compreender a arte, a cultura e a história da África e suas repercussões nas Américas, é fundamental ter o entendimento do Egito Antigo enquanto civilização africana. Alguns podem questionar: *As relações dos egípcios antigos com descendentes africanos em outros continentes são muito longínquas para serem levadas em consideração.* Se esse raciocínio for adotado por todas as culturas, a Europa e os Estados Unidos, por exemplo, não tem nenhum porquê de investigar suas relações com a Grécia Antiga, mas até o momento, europeus e estadunidenses sempre empreenderam esforços em compreender seus vínculos com a antiga civilização grega. Portanto, em países das Américas que possuem populações negras, e no caso do Brasil, onde mais de 50% dos habitantes são negros descendentes de africanos, é legítima a busca das conexões entre o Egito Antigo e outras regiões da África.

A localização física do império egípcio na África, é um facilitador e ao mesmo tempo uma premissa do intercâmbio com o restante do continente, a história faraônica registra relações fundamentais com várias partes do território africano.

Os esforços de um povo ou de seus líderes para estabelecer relações com outras nações tem origem numa diversidade de fatores que, em última instância, podem geralmente ser reduzidos a termos simples. As necessidades constituem um poderoso estímulo à exploração e à procura de relações estáveis. O Egito precisava dos produtos africanos, como marfim, incenso, ébano e, de modo mais geral madeira. [...] As relações do Egito com o restante da África são vistas frequentemente como um fluxo unilateral, como uma difusão da cultura egípcia para o exterior. Tal óptica ignora o fato de o Egito ter dependido materialmente da venda de determinados produtos africanos. Consequentemente, as influências devem ter sido recíprocas. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p.113)

No percurso da pesquisa para a produção desse trabalho, foi possível perceber o quão difícil é dialogar com instituições cujo ensino está baseado em uma perspectiva unilateral, que parte de teorias eurocêntricas sobre um Egito branco, apartado da África, no qual alunos e professores possuem um imaginário que foi reforçado pelos filmes de

Hollywood que se apoiaram nessa visão. Questionar a abordagem eurocêntrica da história egípcia, relacionada quase exclusivamente aos povos mesopotâmios e mediterrâneos, causa desconforto para muitos professores. Algumas reações parecem estar mais relacionadas à contestação de um dogma do que à análise sobre perspectivas históricas. A educação visa a discussão, a reflexão e o desenvolvimento do senso crítico, portanto, parece mais do que necessário a criação de materiais que abordem a história faraônica sobre outra ótica que não a eurocêntrica.

Esse material de apoio para professores, baseia-se nas teses a respeito da origem africana do Egito, um campo de estudo vasto. A linguística, é uma entre tantas áreas que devem ser aprofundadas, e como recomendado no Simpósio realizado no Cairo, em 1974, *O Povoamento do Antigo Egito e a Decifração da Escrita Meroíta*, “seria importante realizar estudos comparativos, estruturais e lexicográficos das línguas africanas”. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 855) As similaridades entre os egípcios antigos e diversos povos africanos, na arte, na cultura, na religiosidade e na linguística, as análises comparativas entre as representações artísticas dos seres míticos do período neolítico e os totens dos deuses do Egito Antigo, a origem negra dessa civilização, o estudo das migrações e da antropologia física, assim como a investigação iconográfica, precisam ser aprofundadas. Mas as correspondências entre várias culturas africanas e egípcia são muito estreitas, portanto não podem ser ignoradas.

Tudo isso nos leva a concluir que a civilização egípcia provavelmente exerceu influência – embora não se saiba ainda em que medida – sobre as civilizações africanas mais recentes. Ao se procurar abordar essas últimas, seria prudente considerar também a influência em sentido contrário, isto é, até que ponto o Egito foi influenciado por elas. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 118)

O Egito Antigo absorveu múltiplas influências, mas quanto à cultura, modos de pensar e conceber o mundo, a história faraônica possui alicerces africanos, não se desenvolveu a partir dos povos mediterrâneos ou do oriente, mas progrediu através de suas próprias experiências. O império egípcio foi inclusive propagador de diversos avanços para a humanidade, transmitiu heranças culturais e conhecimentos em várias áreas. A História Geral da África II, que foi a coluna vertebral desse trabalho, coloca nos seguintes termos essa questão:

Embora o Egito estivesse aberto às correntes culturais vindas sobretudo do Oriente, este volume mostra que, em grande medida, a civilização africana repousa em bases africanas; mostra igualmente que o Egito, que é uma parte da África, foi outrora o principal centro da civilização universal, de onde se irradiaram a ciência, a arte e a literatura, influenciando principalmente a Grécia. Nos domínios da matemática

(geometria, aritmética, etc.), da astronomia e da medição do tempo (calendários etc.), da medicina, da arquitetura, da música e da literatura (narrativa, lírica, dramática, etc.), a Grécia recebeu, desenvolveu e transmitiu ao Ocidente boa parte da herança egípcia – do Egito faraônico e ptolomaico. Por intermédio da Grécia, a civilização do antigo Egito entrou em contato não apenas com a Europa, mas também com a África do Norte e mesmo com o continente indiano. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, 2010, p. 858)

Existe uma lacuna nos livros de arte e de história em geral, no que se refere a africanidade do Egito. Esse trabalho foi realizado no sentido de colaborar para que o professor tenha um material à disposição, com a perspectiva de um Egito africano. Através das citações e da bibliografia o leitor poderá ter a indicação de sites onde podem ser encontradas informações sobre cultura, história, arte e imagens de obras do Egito antigo, assim como referências de alguns livros e autores (muitos deles negros, pois é de extrema importância que seus pontos de vistas sejam levados em consideração) que abordam o Egito enquanto civilização africana e que discutem o racismo e a identidade negra.

Esse material de apoio para professores, tem a intenção de colaborar para que a arte, a cultura e a história da África Antiga, sejam melhor compreendidas. Se o princípio for esclarecido, por consequência, o entendimento de períodos posteriores também será mais acessível.



## BIBLIOGRAFIA

### Livros:

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**: as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Difel, 1974. 210 p.

\_\_\_\_\_. **As Religiões Africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra**: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Ramada, Portugal: Pedago, 2014.

FINCH III, Charles S. **Cheik Anta Diop: Confirmado** in Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

\_\_\_\_\_; NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abordagem Afrocentrada, História e Evolução** in Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

Hilliard III, Asa G. **O Rabequista e a Festa**: Uma Crítica a Africana a Educação Multicultural nos Estados Unidos. In Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

NASCIMENTO, Elisa Larkin do (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

\_\_\_\_\_. (org.). **A Matriz Africana no Mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

RABAKA, Reiland. **Teoria crítica Africana** in Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**: Pàde, Àsèè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

Wendorf, Fred; SCHILD, Romuald; CLOSE, Ângela. **An Ancient Harvest the Nile. In: Sertima**. Ivan Van (org.). Blacks in Science: ancient and modern. Neo Brunswick; Oxford: Transaction Books, 1983, p. 58-66.

### Conferência:

CANE, Malik. **“Transatlanticidade”**: Do African Burial Ground New York ao projeto do Memorial de Gorée. In: Seminário Internacional: Lugares de Memória no Triângulo do Atlântico, 11ª Bienal do Mercosul., 24 /08/2017, Porto Alegre, RS.

### **Material da Internet:**

AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT Disponível em: <<https://africanrockart.britishmuseum.org>>. Acesso em: 10 out. 2018

ALMEIDA, Leonor dos Santos et al. **Carta Documento ao Governador do Estado do RS**. 2011. Disponível em: <<http://comiteestadualdopovodeterreirors.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 set. 2016.

GOOGLE MAPS. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.23, pp.75-85. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 nov.2018.

\_\_\_\_\_. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. In Educação, Culturas Indígenas e Afro-Brasileiras - relações étnico-raciais. Currículo Sem Fronteiras. São Paulo, v. 12, n.1, pp.98-109, Jan/ Abr 2012. Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteiras.org>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. **História da África e das culturas afro-brasileiras: processos para a transversalidade emancipatória**. In: Debates e perspectivas para a institucionalização da Lei no 10.639/2003. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2011. Brasília: UNESCO, 2012. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. ver.– Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 06 set. 2018.

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II: África antiga / editado por Gamal Mokhtar. – 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 03 out. 2018.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. In: Caderno Anped Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica, USP, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-eCidadania.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MUSÉE DU LOUVRE. Disponível em: < <https://www.louvre.fr>>. Acesso em: 10 de nov.2016.

NATIONAL GEOGRAPHIC.  
Disponível em: <<http://ngm.nationalgeographic.com>>.  
Acesso em: 09 abr.2017

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Desafricanizar o Egito, embranquecer Cleópatra:** silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018. Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos, n. 10, p. 26-63, 2017. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/romanitas/search>>. Acesso em: 02 nov. 2018

STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN. Disponível em: <<https://www.smb.museum/home.html>>. Acesso em: 12 maio 2017

UNESCO. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Disponível em: < <http://www.metmuseum.org>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

THE BRITISH MUSEUM. Disponível em: <<http://britishmuseum.org>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

THE PETRIE MUSEUM OF EGYPTIAN ARCHAEOLOGY. Disponível em: <<https://www.ud.ac.uk/culture/petrie-museum>>. Acesso em: 10 abril 2017